

# Stadium

N.º 97 ★ 11 DE OUTUBRO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50

## BENFICA-BELENENSES

A beleza atlética do futebol transparece sempre nestas movimentadas fases! A decisão de Acácio, a voluntariedade tradicional de Teixeira e a oportuna colocação de Feliciano — estão exactamente focadas no instantâneo que publicamos





# O curso de ciclistas

é inaugurado oficialmente no sábado na sede da Federação de Ciclismo

**V**AI funcionar, pela primeira vez entre nós e com carácter oficial, uma escola de ciclismo. Assim, por iniciativa da *Stadium*, cria-se em Portugal, onde se pratica a velocipédia desde 1880, o primeiro curso para ensinar a arte de bem montar uma bicicleta.

No próximo sábado, na sede da Federação Portuguesa de Ciclismo, na rua Barros Queiroz, pelas 21 horas e meia, inauguramos o «Curso de Ciclismo» — uma iniciativa que tão bom acolhimento teve e que se destina a facultar aos que andam de bicicleta, bem como a todos quantos estão ligados à velocipédia, os ensinamentos necessários à prática racional e à boa compreensão de tão útil, espectacular e benéfica modalidade desportiva.

Não nos compete, como creadores que somos do «Curso», enaltecer antecipadamente as vantagens que dele advêm para o ciclismo de competição — e até para o ciclismo na generalidade. Basta dizer, por agora, que os benefícios desta nossa iniciativa foram entusiasticamente reconhecidos pelos dirigentes da modalidade, que se apressaram a oferecer-nos o seu absoluto apoio logo que dela tiveram conhecimento. Por outro lado, temos disso prova flagrante nos ciclistas que acorreram a inscrever-se em número elevado — e até nas pessoas que sendo apenas entusiastas do desporto não quiseram deixar de nos manifestar, pessoalmente e por escrito, a sua simpatia e apreço por tão útil quanto desinteressada iniciativa.

No entanto, devemos confessar — disso estamos sinceramente convencidos — que o «Curso» que principia no sábado pode ser o prelúdio de um trabalho de aperfeiçoamento que o ciclismo português muito necessita para seu maior desenvolvimento.

É óbvio que nenhuma modalidade desportiva pode progredir sem que os seus praticantes possuam determinada bagagem de conhecimentos técnicos. Também todos sabem que o valor global de qualquer modalidade é tanto maior quanto mais equilibrada for a maneira de a executar, quer dizer, quanto mais aproximada for a maneira de todos os praticantes actuarem. Semelhantes resultados só se conseguem com paciente estudo, ou também por influência da «escola» e do ambiente de cultura geral desportiva no local onde essa modalidade se desenvolve. Ora é este ponto assente que os ciclistas portugueses são renitentes em aprender por iniciativa própria — e também não oferece contestação que no nosso país tão pouco existe, como em França ou na Bélgica, um «culto pelo desporto do pedal» que consiga integrar toda a população na mecânica desse desporto. Enquanto além Pirineus não há ninguém que não saiba, depois dos 10 anos,

montar uma bicicleta, entre nós ainda existe quem diga que tal veículo obriga o cavaleiro... a fazer de cavalo!...

Por isso, tudo quanto se faça para tornar conhecidos os pormenores ligados ao ciclismo, e para elevar o nível de conhecimentos de quem o pratica, redundará em benefício da modalidade — que é, apesar de tudo, convém não esquecer, a que mais facilmente entusiasma as multidões menos entronhadas em assuntos desportivos e a única que constitui, à margem do desporto, uma actividade de utilidade pública.

A sessão inaugural do «Curso de Ciclistas», para a qual foi convidado S. Ex.<sup>a</sup> o sr. Director Geral de Educação Física e Desportos, devem assistir não só os dirigentes dos organismos orientadores da velocipédia — Federação nacional e Associação do Sul, como também os representantes dos clubes que mantêm secções de ciclismo.

Nessa sessão, o nosso prezado camarada Gil Moreira, que será o orientador do «Curso», apresentará aos futuros alunos o programa completo de trabalhos, o qual encerrará os seguintes temas: *o que é necessário para ser corredor; como deve ser a bicicleta de um corredor; o que têm sido os aperfeiçoamentos técnicos da bicicleta e quais os fins que pretendem atingir; as dimensões de um quadro de corrida; acessórios de uma bicicleta de corrida; posição sobre a bicicleta; o equipamento de um corredor; treinos antes e durante o período de provas; corridas de estrada; corridas de pista; a alimentação dos corredores; faltas técnicas na estrada e na pista; tática de corridas; o moral de um corredor de bicicleta; higiene; preparação física dos corredores; reparação de avarias; vantagens sociais da prática do ciclismo, etc.*

A inscrição de novos alunos para a primeira turma deste curso — pois é provável que tenhamos necessidade de organizar mais do que uma — pode fazer-se na nossa redacção, na sede da Associação de Ciclismo. Aos alunos já inscritos será entregue, na primeira aula, um boletim contendo certo questionário, ao qual terão de responder. Em troca deste boletim serão distribuídos os cartões de identidade, que provam a sua qualidade de frequentadores do «Curso» e lhes dão direito, com a sua apresentação, ao benefício de preços especiais na compra de artigos de bicicletas em determinadas casas.

Os estabelecimentos que concedem tal regalia são, até agora, os seguintes:

Eduardo Martins, Armando Crespo, «Stand Flecha», Luis Rocha dos Santos, João Ferreira,

# Novos rumos

**S**EMANA após semana, na sequência regular que define a aplicação prática de todo o plano estabelecido com largos fundamentos e projecção mais vasta ainda, vai a Direcção Geral de Educação Física e Desportos impondo no meio onde exerce a sua acção dirigente e disciplinadora as medidas de características diversas, que as circunstâncias gerais ou eventuais aconselham de necessária aplicação.

Referimo-nos no último número da «Stadium» ao comunicado onde aquêle alto organismo tornou públicas importantes decisões, de carácter construtivo e disciplinador, relativas à actividade do pugilismo profissional português; poucos dias depois outro comunicado divulgava novas resoluções, de objectivos igualmente construtivos, mas feição puramente de assistência e auxílio, cujo alcance ultrapassa ainda o vulto das precedentemente referidas.

Por intermédio da Federação Portuguesa de Atletismo, a Direcção Geral dos Desportos colocou sob sua orientação e fiscalização os nossos atletas de reconhecido classe e os novos praticantes que demonstraram, no decurso da época finda, qualidades prometedoras. Para tal efeito, ficou agregado à F. P. A. o dr. Salazar Carreira, nosso estimado compenheiro de redacção e Inspector dos Desportos.

Esta determinação, que corresponde em rigor à execução prática de uma das principais atribuições taxativamente expressas no decreto que criou a D. G. D., é merecedora dos mais calorosos aplausos e foi acolhida por todos os verdadeiros e desinteressados amigos do atletismo com justificado júbilo.

Sem interferências nos legítimos direitos da organização clubista, a cujos técnicos continúa confiada a preparação e orientação directos dos atletas, estabeleceu-se apenas uma fiscalização superior, confiada a quem no nosso país maior e mais indiscutível competência possui para o fazer, que reforçará com a autoridade da sua assistência o trabalho ingrato dos treinadores e intervirá mais propriamente nos casos tão frequentes de insuficiente ou ausente assistência técnica clubista.

A grande maioria dos nomes incluídos na longa lista dos primeiros seleccionados pertence, na realidade, a atletas inscritos nas principais colectividades, onde o atletismo é convenientemente orientado e tem dado sobejas provas de criteriosa preparação; mas o caso em nada infere com os benefícios da resolução agora tomada pela Direcção Geral de Desportos — que, pela sua independência, pode evitar exageros e desvios que toda a gente sabe serem inevitáveis dentro da engrenagem clubista, de onde se não consegue alhear a predominância das conveniências da equipa sobre os interesses individuais.

Por outro lado, a Federação Portuguesa de Atletismo, cuja acção tem sido nestes últimos anos caracterizadamente apagada, circunscrita à actividade mínima indispensável de organização dos campeonatos nacionais, vê reforçado o seu prestígio e passa a exercer de facto a influência orientadora e estimulante que apenas desempenhava em teoria.

A temporada de 1944 foi sem dúvida de grande progresso — em todos os sentidos — para o atletismo português; a recente determinação da Direcção Geral dos Desportos é o fecho indispensável à salvaguarda das responsabilidades criadas pelos esforços do ano atlético e garante a todos os honestos amigos da modalidade «número um» a continuidade desejável às boas e fecundas normas estabelecidas com animoso espírito de renovação.

Artónio Augusto de Carvalho (Siztra), António Mateus Germano e Mário Pereira Bandeira.

As aulas funcionarão aos sábados, na sede da Federação Portuguesa de Ciclismo, gentilmente posta à disposição da *Stadium* para tal fim. Terão a duração aproximada de duas horas e principiam às 21.

Sempre que as circunstâncias o exijam, serão feitas demonstrações práticas com alguns dos mais cotados estradistas, tais como Eduardo Lopes, Aristides Martins e João Rebelo.

## A «Prova de Iniciação Flecha»

Como temos informado, *Stadium* promove também a «Prova de Iniciação Flecha», integrada no programa de realizações da nossa revista e com a finalidade de movimentar o ciclismo de competição.

Aquela prova será dividida em 4 tiradas e reservada a estradistas «iniciados» e a ciclistas que nunca tomaram parte em competições oficiais.

Está já assegurada a inscrição de equipas do G. D. «A Ilumi-

nante», Sangalhos, Sport Lisboa e Benfica e Sport Lisboa e Alenquer, e de grupos de estradistas do Barreiro, Sintra e Vila Franca.

A fim de tornar conhecidas as características desta prova e de satisfazer a curiosidade de inúmeras pessoas que se nos dirigem, inquirindo acerca de diversos pormenores, publicamos a seguir o respectivo regulamento — que se encontra já aprovado pela Associação de Ciclismo do Sul.

O seu articulado responde às consultas que recebemos e esclarece todas as dúvidas.

Art.º 1.º — A revista *STADIUM* promove, nos dias 25 e 29 de Outubro, sob os regulamentos da Federação Portuguesa de Ciclismo, uma corrida em 4 etapas, denominada «Prova de Iniciação Flecha» e reservada a corredores já inscritos na categoria de «iniciados» e a ciclistas com o máximo de 25 anos, feitos em 1944, que nunca tivessem participado em provas oficiais.

§ único — A definição da categoria de «iniciados» far-se-á segundo os regulamentos oficiais e tomando em conta a pontuação obtida à data da disputa da prova.

Art.º 2.º — A corrida será efectuada nas seguintes datas e percursos: Dia 25 — 1.ª etapa; Avenida da Índia (frente à Refinaria Colonial), Cascais, estrada

(Continua na pag. 15)



**OS CAMPEONATOS DE CASCAIS**  
mantiveram as honrosas tradições  
de animada competição internacional

**O**s Campeonatos Internacionais de Portugal, celebrados, recentemente, em Cascais, mantiveram as suas honrosas e brilhantes tradições.

Em 1944, como nos anos anteriores, esta organização do aristocrático clube da Parada fica para a história como o mais importante torneio da época.

Sem o espírito de iniciativa e de sacrifício dos dirigentes do Sporting Clube de Cascais não teria sido possível aos adeptos da modalidade ver em acção, pelo menos nos últimos anos, as figuras mais salientes do «ténis» europeu. Nunca é demais, portanto, pôr em relevo a acção do S. C. C. em prol do «ténis». Para nós, e para os verdadeiros amigos da modalidade, não é, nem deve ser, o espectáculo, ou as reuniões mundanas que estes «Internacionais» proporcionam, que mais interessam.

O que importa, verdadeiramente, é a influência que a presença, entre nós, de jogadores de classe, pode ter no «ténis» nacional, no seu desenvolvimento, nos progressos da gente nova. Bem aproveitado, este contacto com estrangeiros pode ser altamente benéfico para jogadores portugueses, sobretudo pelos ensinamentos que lhes permite.

Ou não é assim que se progride? E se outros motivos não houvesse, esta razão, por si só, bastava para elogiar a organização do Sporting de Cascais e a perseverança com que é mantida.

Ainda em seguimento ao que deixamos dito e antes de nos referirmos à actuação dos concorrentes, queremos salientar que tudo o que consideramos como principal vantagem da efectivação dos «Internacionais» foi rasoavelmente aproveitado.

Circunscrita a dois jogadores e uma jogadora a possibilidade do nosso «ténis» ter representação condigna no torneio, convinha tirar partido da presença, em Cascais, dos estrangeiros, para fornecer a alguns dos «novos» que mais se têm evidenciado um proveitoso contacto. Mau grado nosso, nem todos os «no-

vos» quiseram ou puderam aproveitar a magnífica oportunidade. Verdadeiramente, dentre esse lote de «esperanças» só consideramos Julio Bastos e Azevedo Gomes, porque (perdôem-nos a franqueza) não julgamos o Marquês de Mendia, Henrique Cunha, Rui Pereira e Orton susceptíveis de progredirem como aquêles dois. Isto não significa, de modo algum, que a sua inclusão entre os concorrentes não mereça a nossa simpatia, pois revela, pelo menos, interesse pelo «ténis». Mas se quisermos olhar a sério o problema do futuro da modalidade havemos de convir que ter proporcionado tal contacto a José Pedro Gaivão, Luis Baptista (do Porto), Melo e Silva e Carlos Costa — por exemplo — teria sido mais aconselhável. E se unicamente citamos estes quatro foi porque não haveria mais adversários estrangeiros a opôr — e nunca porque não haja mais rapazes merecedores dessa deferência.

Colocar esses «novos» em frente de um Bartoli, de um Szawost, de um Olozaga e de Luis Carles, é sujeitá-los a «score» nitidamente desfavorável. Mas, nestas condições, os 6/0 ou 6/1 não têm nada de desprimoroso para o vencedor: nem êle próprio espera outra sorte nem o público pensa noutro resultado. E assim é que o contacto é verdadeiramente benéfico.

Registamos, portanto, com satisfação, a presença nestes torneios dos jogadores já citados — e confiemos no futuro.

A pobreza do nosso «ténis» veio francamente ao de cima graças a estes «Internacio-

nais». Senão, veja-se: a prova de «singulares-homens» teve quinze concorrentes, sendo seis estrangeiros e nove portugueses (incluindo Orton neste número); pois nos «quartos de final» figuraram cinco dos estrangeiros e três portugueses e nas meias finais três estrangeiros e um português.

A inferioridade é manifesta, visto que a nossa representação viveu de José da Silva e de José Roquete, os campeões de Portugal, respectivamente, de 2.<sup>a</sup> e 1.<sup>a</sup> categoria. O primeiro, incontestavelmente, foi mais brilhante, pois eliminou um jogador da 1.<sup>a</sup> série espanhola, Fleischer, e fez 6/8 e 3/6 contra o n.º 1 de Espanha, Luis Carles. E exigir mais de José da Silva era exigir muito. José Roquete «ficou-se» ao primeiro contacto com um jogador espanhol, Bartoli. E nós ficamos com a impressão de que a vitória de Bartoli (6/2 e 7/5) foi mais consentida pelo nosso campeão do que obtida pelo seu adversário. Não acreditamos que Roquete tivesse baixado tanto de forma — e pelo que vimos do encontro entre ambos convencemo-nos de que Roquete, se estivesse mais confiado nos seus recursos, seria homem para ganhar.

Outra circunstância a focar e que deve ser pouco grata: nas provas de pares não se verificou a existência de uma só formação que, sendo constituído por dois portugueses, pudesse representar, se não brilhantemente, pelo menos airosoamente o «ténis» nacional. Pensamos que ninguém levará a mal discordarmos de que José da Silva fosse emparecear com Fleischer e José Roquete com Szawost. Então não teria mais interesse no par José Roquete-José da Silva? Se houvesse a pretensão de ver um português na final... isso não passou de «fantasia».

Em «mistos», ainda se viu um duo cem por cento português, Maria Tereza Cunha-José Roquete, proporcionar a alegria de vencer um «duo» de estrangeiros. E, além disso, Gabriela Catharino esteve na final, ao lado de Szawost.

O italiano Francesco Romanoni veio a Portugal em condições de permitir que o seu nome seja incluído na lista dos grandes campeões que têm passado pelos «courts» da Parada. Pode dizer-se que chegou, viu e venceu. A sua vitória em singulares, pares-homens e pares-mistos, diz tudo. É preciso, na verdade, conhecer-se o que é «ténis» para poder avaliar a classe de Romanoni.

Notou-se que as suas exhibições foram tanto mais brilhantes quanto mais difíceis eram os adversários. E sempre dando a mesma impressão de que o «ténis» não custa nada. Que sensação de facilidade!...

Dos espanhóis, Luis Carles era o que vinha precedido de maior fama. Não a desmentiu. Bartoli e Olozaga, já nossos conhecidos, não nos pareceram melhores do que há um ano, e Fleischer teve curta presença no torneio, confirmando a impressão de que era o mais fraco do lote. Szawost, sempre melhor em pares do que em singulares, não mostrou tão boa forma como em 1943.

Maria Josefa de Riba foi o grande atractivo do elenco feminino. A nova campeã de Espanha não pôde mostrar quanto vale por falta de adversária à altura, limitando-se a deixar optima impressão.

DRIVE

**ECOS E COMENTÁRIOS**

**E**NTRE os jornais desportivos da província aparece por vezes colaboração de muito valor. A «Voz Desportiva», por exemplo, anda publicando uma série curiosa de excelentes artigos sobre desportos, da autoria do sr. capitão Quintino da Costa. Esta série de artigos constituiu um belo êxito de propaganda para o antigo semanário comimbricense.

\*\*\*

**F**OI já publicado um longo comunicado com as transferências autorizadas pela Direcção Geral de Desportos, relativamente a jogadores de futebol. Nem tôdas se confirmaram. Mas as que saíram provam, de novo, que a tendência do meio é para comprar jogadores já feitos. Pode não ser melhor. É, porém, mais fácil...

\*\*\*

**O** «basket-ball» fez já a sua reaparição. Volta o inverno... Não é preciso consultar o calendário. Basta saber que desportos se praticam...

\*\*\*

**E**FECTUOU-SE há dias nova romagem ao título do dr. António Martins, o brilhante atleta do C. I. F. e notável desportista olímpico na modalidade do tiro. Recordou-se, assim, mais um aniversário da morte do sãdoso médico, ocorrida trágicamente na carreira de Pedrouços, devido a um brutal acidente, quasi inexplicável.

É consolador verificar que a sua memória perdura tratamente no espirito dos seus amigos e companheiros de desporto — o que nem sempre se verifica.

**O** Sporting Clube de Portugal joga amanhã, em Madrid, com o Atlético de Aviação, um dos melhores clubes espanhóis de futebol, famoso, em toda a nação vizinha, pelo tipo espectral do seu jogo — de grande beleza técnica. Desejamos sinceramente ao Sporting boa viagem — e bom resultado.

A autorização para o Sporting ir a Madrid pode representar nonas directivas — em matéria internacional. Assim o desejamos, pelo menos. O desporto lusitano precisa de contacto frequente com grupos e atletas estrangeiros, para progredir e para se movimentar.

\*\*\*

**R**IBEIRO dos Reis, nosso prezado colega e distinto técnico de futebol, está fazendo uma série de palestras semanais, sobre o popular desporto, aos jogadores do Sport Lisboa e Benfica. A matéria versada e os conceitos e conselhos expendidos seriam de interesse e oportunidade para todos os clubes que se dedicam ao futebol. Há ali muito que aprender — e compreender.

\*\*\*

**O** Estréla, de Portalegre, completou, recentemente, 25 anos de fundação. É uma idade bonita para qualquer clube. Mas é mais bonita ainda num grupo da província. Quantos sacrifícios feitos para manter uma coesividade no largo transcurso de um quarto de século?

Talvez que o facto não seja conhecido entre alguns jogadores de futebol do clube — ou que os não impressione. Para alguns deles, só conta o presente — e o futuro, em benefícios...

**Um esclarecimento**

Pedo-nos o sr. Manuel Nunes de Almeida, em referência à local que publicámos no nosso último número, que esclareçamos haver deixado de estar ao nosso serviço a seu pedido — o que aliás se depreendia do que dissemos, visto não termos anunciado a sua demissão.



# Corrija o seu ESTILO

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

73 — Matos Fernandes, campeão de Portugal

Um dos aspectos mais interessantes desta fotografia, obtida no decurso dos campeonatos nacionais no Dorto, é a mudança do estilo habitual do saltador para o estilo de rolamento facial, que usava alguns anos atrás; esta alteração, certamente uma das causas do resultado inferior às capacidades do atleta, foi a defesa natural contra as consequências dolorosas da lesão sofrida numa das primeiras tentativas do torneio. Maguado no pé de chamada, Matos Fernandes fugiu ao rolamento californiano, em que a queda se apoia sobre o mesmo pé de chamada, e adoptou este que vemos, no qual a queda incide sobre o pé oposto.

1 — O tronco, puxado pelos dois braços, veio de face para cima da barra, acompanhado (2) pela perna livre, que já iniciou aqui a descida à quem da barra (o pé levou a barra adiante, provocando derrube), para auxiliar a rotação da bacía, que se completará (3) pelo lançamento da perna de chamada estendida, para cima e para trás.

4 — A posição do braço esquerdo é o único pormenor discordante na coordenação definida do estilo, pois devia também ser projectado para a retaguarda (sineronicamente com a perna do mesmo lado) para completar o esforço de rolamento facial do corpo do saltador. Tal como está sendo executado, o salto é prejudicado pelos movimentos impulsivos de rotação em sentido inverso para cada um



dos traços superior e inferior do corpo (tronco e braços; bacía e pernas).

74 — Emídio Ruivo, campeão de Portugal do lançamento do péto

1 — O braço acabou a sua extensão e despediu o péto pelo espaço. A atitude geral é bastante correcta e vamos analisá-la em pormenor. Reparem na posição avançada do ombro direito, colocando todo o péto do tronco a servir de apoio à impulsão do braço. Para o conseguir...

2 — ... trabalhou o braço esquerdo, cujo cotovelo foi violentamente projectado para baixo e para trás, obrigando a cintura escapular a descrever uma rotação de 180° no plano desejado (avanço e elevação do ombro direito, junto ao qual repousa a mão com o péto). O braço esquerdo está bem flectido, ao contrário do erro frequentíssimo nos principiantes, que se servem dele estendido e hirtto, com perda de flexibilidade e descontração necessárias.

3 — O tronco adiantado trouxe a projecção do centro de gravidade ligeiramente à quem da zona de apoio no solo (pé esquerdo), contribuindo também para a sólida resistência à impulsão. Tal como se

apresenta, em perfeita extensão, todo o corpo parece acompanhar ainda o vôo do péto, flagrante contraste com outro erro vulgaríssimo nos principiantes: a flexão anterior do tronco no momento de estenderem o braço.

4 — O péto já safu da mão e o pé esquerdo ainda conserva o seu apoio, embora o direito se aproxima já para a troca final; assim é que deve ser: empurra-se o péto em sólido apoio sobre o pé esquerdo e, como todo o corpo se adianta a auxiliar a impulsão, quando o péto já se libertou trocam-se as posições das pernas, para evitar a queda para a frente, que anularia o lançamento. No entanto, insistimos, a troca das pernas só se executa, como mostra Emídio Ruivo, após o disparo do péto.

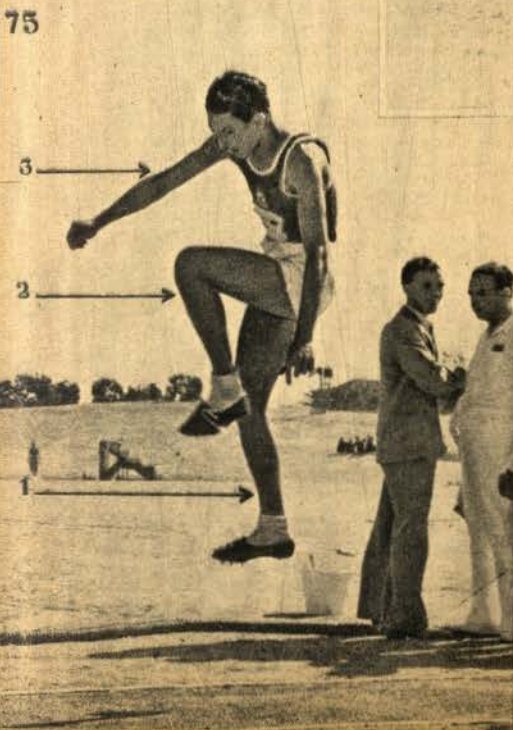
75 — Luiz Alcide Garcia, campeão nacional do triplo-salto

Este é o pulo inicial, na fase derradeira do golpe de tesoura, que traz de novo adiante o pé de chamada.

1 — A perna livre recua estendida, condição indispensável à segurança de um movimento cruzado, em que ela desempenha, por assim dizer, o papel de fulcro.

2 — A perna de chamada veio à frente puxada por acentuada oscilação antero-superior do Joelho, flectida, para oferecer menor resistência, e vai agora estender-se em busca do solo

3 — Os braços, que agiram como balancetes, oscilam agora — já baixos — em sentido oposto às pernas, preparando a sua interferência impulsiva na chamada para o passo intermediário. A atitude geral do saltador é, em estilo, bastante correcta.





# atletismo

As provas  
do "DECATLO"  
e os  
CAMPEONATOS  
CORPORATIVOS



NO DECATLO: 1 — Edgard Tamegão, do Académico do Porto, 2.º classificado absoluto e 2.º do Sul; 2 — Alvaro Dias, do Sporting, 3.º classificado absoluto e campeão regional do Norte; 3 — Matos Fernandes, do Benfica, vencedor absoluto. CAMPEONATOS NACIONAIS CORPORATIVOS: 4 — A final da prova de 80 metros; 5 — Almeida Franco, vencedor no disco; 6 — José Araújo, que triunfou nos 3.000 metros. TORNEIOS PARTICULARES: 7 — O grupo de atletas do Ateneu que disputaram provas entre si no domingo; 8 — A chegada nos 80 metros das provas promovidas pelo Sporting e que reuniram avultado número de concorrentes.

**Chaves** de todos os modelos

Perdeuras? Partiram-se? Roubaram-lhas? — manda fazer outras na

**CASA DAS CHAVES**

de

**Amadeu Gomes da Fonseca**

R. da Mouraria, 3 (Frente ao Cinema) • Tel. 28050



# Desportos do "Stick"

A última fase do campeonato nacional e a visita do Académico do Pôrto a Sintra e Paço de Arcos — Despedida de Leonel Costa — Homenagem da Académica a dois dos seus jogadores: Rato e Gastão.

**E**NTROU-SE no período final da época de «hockey» em patins. Disputaram-se as últimas partidas do campeonato nacional, que o Paço de Arcos ganha pela segunda vez. E bem, diga-se de passagem, porque a equipa foi a mais regular do torneio. Mas é de salientar também a acção do H. C. de Sintra e do Académico, campeão do Pôrto, o melhor representante que o norte tem tido em competições da especialidade. Tal como sucedera no ano passado, em que se estreou na prova, o Académico portou-se à altura das circunstâncias. A luta dos campeões de Lisboa com os sintrenses foi, com efeito, do maior interesse: venceu o grupo mais afoito e habilitado a torneios da natureza do campeonato de Portugal; mas os sintrenses têm equipa para futuro...

Nos encontros que o Paço de Arcos foi disputar ao Pôrto, verificaram-se os resultados seguintes: contra Infante de Sagres, 4-3; contra Académico, 3-1.

Classificação final:

	J.	V.	E.	D.	«Goals»	P.
Paço de Arcos .....	6	4	1	1	29-18	35
H. C. Sintra .....	6	3	2	1	35-23	14
Académico .....	6	2	1	3	17-23	11
Infante Sagres .....	6	1	-	5	17-52	8

Falta agora, para conclusão da temporada, a «Taça de Honra», competição disputada em «poules» de uma só volta, mas que desperta sempre a maior curiosidade.

Os vencedores do campeonato nacional foram os seguintes:

- 1939-Sporting C. P.
- 1940-Futebol Benfica.
- 1941-Futebol Benfica.
- 1942-Paço de Arcos.
- 1943-Futebol Benfica.
- 1944-Paço de Arcos.

Quere dizer: o Futebol Benfica figura ainda com vantagem na lista de vencedores, com três triunfos em seis provas.

Isto de um campeão não poder defender o seu título — quando a todos é conferida essa facilidade — achamos que não está certo. O assunto, que é de interesse geral, devia ser convenientemente debatido em congresso federativo, para evitar que o «caso» se repita. O mesmo se deu já, em tempos, com o Sporting, não com tanta razão de queixa, pois nessa altura a disputa da prova era apenas limitada aos campeões regionais — e não aos segundos classificados. Com vista ao futuro, é bom ponderar a questão, que pode vir a ter consequências na propagação directa da modalidade.

Outro assunto que importa focar: a falta frequente de árbitros e a necessidade que há de fomentar a propagação pela arbitragem junto de clubes e jogadores. Neste campeonato nacional, como no regional, os árbitros viram, regra geral, a sua missão grandemente dificultada pela incompreensão de certos sectores do público, com base principal no desconhecimento das elementares leis do jogo. Torna-se urgente dar a conhecer ao público as regras mais simples, pois num jogo que decorre quase sempre com velocidade e em que as jogadas sucedem rapidíssimas, não é possível distinguir entre a falta simples — que ao árbitro pode passar e que até por uma questão de critério deve deixar de assinalar-se, desde que vá beneficiar o infractor — e as faltas mais graves, que mereçam castigo imediato e às vezes severo.

O Colégio de Árbitros deve procurar estabelecer um critério uniforme de julgamento — pra evitar confusões e dar mais autoridade aos referidos.

A vinda do Académico a Sintra e Paço de Arcos, se não foi totalmente vitoriosa, constituiu, por certo, excelente motivo de propagação do «hockey» portuense.

Os campeões do Pôrto tiveram duas boas jornadas, permitindo-se empatar em Sintra, o que só sucede, agora, a «teams» de nomeada, e no dia seguinte, em Paço de Arcos, deram magnífica réplica aos campeões de Lisboa.

O «team» é realmente superior ao do Infante de Sagres. Ainda que lhe faltasse Correia de Brito, o defesa titular, a equipa deu muita boa conta de si. Os irmãos Soares e Oliveira Afonso valem o grupo do Lordelo do Ouro; mas Ribeiro e Veloso podem considerar-se os «alicerces», a base do jogo «academista» — mais vistoso, mais rápido e mais construtivo no caminhar para a baliza. A equipa tem um ponto fraco, a defesa, mas ao ataque é melhor que a do Infante de Sagres.

Significativa e de todo o ponto merecida, a homenagem da Académica da Amadora a Alvaro Rato e Gastão Silva, dois jogadores já com direito de veteranias... Rato e Gastão fizeram parte do primeiro «team» campeão nacional, pelo Sporting, em 1939, e jogam há anos — mas permanecem ainda fieis ao desporto do «stick», sempre com o mesmo entusiasmo e vontade, embora as faculdades atléticas tenham diminuído em relação a épocas anteriores.

Naquela festa, levada a efeito no recinto dos Recreios Desportivos, colaborou o Ateneu e disputaram-se taças com os nomes dos homenageados.

Leonel Costa abandona no sábado o desporto de competição. Por esse motivo, o Ben-

## ASSUNTOS DE "BASKET"

### FERNANDO AMARAL deixa de jogar?

O CARNIDE CLUBE  
e a disputa da taça «Abertura»

**R**EFERIMO-NOS há poucas semanas, numa curiosa entrevista com Fernando Amaral, ao facto do Carnide Clube — popular e benquista colectivamente, com fartos louros colhidos na prática do «basketball» — se manter na disputa das competições daquela modalidade, contra os propósitos que realmente chegaram a existir dentro do clube. Das declarações que Fernando Amaral fez então à nossa revista, deduzia-se que o excelente e correcto jogador se mantinha no «team» do Carnide, continuando a dar-lhe o seu valioso concurso — particularmente valioso no momento em que o clube afastava a iminência de uma crise que seria, sem dúvida, de carácter grave.

Pois acabamos de saber, com justificada surpresa, que Fernando Amaral se encontra agora praticamente impossibilitado de ocupar o posto de sempre no «team» do «seu» Carnide, por motivos de ordem particular, que se prendem com as funções que desempenha, ou vai desempenhar, como professor de educação física e treinador de «basket» e «volley», numa colectividade que para tal o convidou.

É duplamente de lamentar a resolução a que Fernando Amaral é levado: o «basket» nacional vai perder um dos seus melhores elementos — e o Carnide sofre da mesma maneira a amputação do principal estio do seu grupo de honra, da qual não pode deixar de se sentir fortemente.

Para substituir Fernando Amaral nas funções de treinador, que também desempenhava no Carnide, a direcção deste convidou Joaquim dos Santos, seu antigo jogador, feito no clube, onde foi discípulo de Amaral, e que fez parte

## BARREIRA DE SOL

Uma corrida de «toiros»

**A** Empresa do Campo Pequeno quiz fechar com chave de ouro a temporada de 1934. Se os resultados materiais nem por sombra corresponderam à expectativa — a tarde estava fresca e os preços escaudavam — outro tanto se não pode dizer do êxito artístico.

Seis lindos exemplares oriundos da antiga e reputada ganaderia de D. Luiz Gamero Civico, autênticos «toiros» pelo tamanho, pelo tipo e pela casta. À excepção do último, reparado da vista e que era muito mais, todos eles acusaram nobreza e até suavidade, dentro do que era lícito esperar do seu temperamento de autênticos toiros de lidé, que querem peles e toureiros que saibam pelear. Mais que em qualquer outra ocasião se fez sentir e falta das varas.

Domínguez Ortega, o veterano dominador, que leva este ano uma das mais brilhantes épocas da sua larga carreira, deu-nos o melhor que havia a esperar da sua arte, tão pessoal e inconfundível. Faena de domínio, sobria e eficaz, no primeiro, um dos que mais nervo acusaram. No quarto, de um «ponto» ideal, faena larga e repousada, um curso completo de domínio e adorno em várias lições, com passes e filigranas de todas as marcas — não faltando a intervenção daquela mão esquerda, eterno ponto fraco de Ortega e eterna fobia de alguns furiosos que heram por ela sem sabermos onde a têm. Característica saliente, que os próprios detractores da sua «maneira» não podem negar: desde o início até ao final da larga faena mandou e dominou constantemente o toureiro.

Luiz Gomez, El estudiante, iniciou no seu primeiro uma faena de domínio que não teve seguimento, simulando a estocada quando o animal estava ainda longe de ser dominado. No seu segundo, difícil por excesso de temperamento e falta de varas, mostrou-se mais volun-

(Continua na página 15)

fica promove-lhe uma festa e presta-lhe merecida homenagem. Leonel é dos mais antigos jogadores de «hockey» — nas duas modalidades — ainda em actividade e apenas tem, do seu tempo, Magalhães e poucos mais.

Nessa festa disputam-se dois desafios (Cascais-Oeiras e Benfica-Futebol Benfica), havendo ainda exhibições de patinagem artística e de ginástica feminina. O dr. Augusto da Fonseca, presidente do clube, dirá: «Duas palavras acerca do atletismo».

J. M.

da selecção nacional que jogou contra a Espanha. Da sua dedicação e competência muito espera o Carnide — e com fundadas razões.

A actividade do simpático grupo carnidense não pára, pois. Os treinos começam já no último domingo e vão prosseguir com a necessária regularidade.

A propósito de algumas manifestações verificadas na passada semana, no campo da Boavista, por parte de certos sectores da assistência, durante os jogos da taça «Abertura» e particularmente quando a equipa do Carnide Clube entrou no terreno, a comissão de «basket» desta colectividade pede-nos que esclareçamos não ter sido por vontade do clube que este não apresentou o seu «team» de honra naquele torneio.

Ao receber da Associação de Basket o comunicado pelo qual se notificava o Carnide para a sua participação na referida prova, o clube respondeu logo informando da impossibilidade de se fazer representar condignamente, em virtude de não ter recebido ainda as inscrições dos seus principais jogadores. Para não criar quaisquer dificuldades à organização do torneio, a direcção do Carnide sugeriu, porém, enviar à taça «Abertura» um grupo misto, constituído pelos elementos mais categorizados de entre os já inscritos.

A Associação informou depois a direcção do clube que a F. P. B. B. não via inconveniente no facto — e o Carnide cumpriu, tão desportiva e honestamente quanto lhe era possível, o compromisso que assumira, nas condições expostas, perante a Associação.

Nestas circunstâncias, o Carnide Clube lamenta a incompreensão verificada e sente-se injustamente alvejado por apupos e doestos que os jogadores estavam longe de merecer.

Esta explicação — pede-nos também a comissão de «basket» do Carnide que o digamos — é dada pela muita consideração que ao clube merece o público que sempre o tem acompanhado e acarinhado, motivo pelo qual mais sentiu as manifestações verificadas.



# O FUTEBOL CLUBE DE FAMALICÃO

## 2.º classificado no campeonato do distrito de Braga

**F**OI um grupo de rapazes, meia dúzia, se tanto, que fundou, em 1930, o Futebol Clube de Famalicão.

Depois de um período áureo do Grupo Desportivo Famalicense, o desporto decaiu na laboriosa vila. Decaía ou, mais praticamente, desapareceu. Dois anos decorridos sobre a data do desaparecimento do Famalicense alguns rapazes entusiastas pelo desporto resolveram fundar o F. C. de Famalicão. Figuravam, entre eles, José Marinho Bezerra, Virgílio de Azevedo, já falecido, Luís Pinto e Manuel Varela, que não podem ser esquecidos neste trabalho.

O novo clube, quasi sem sócios, e ainda hoje com uma reduzida centena deles, defendeu-se o melhor que pôde na I Divisão da Associação de Futebol de Braga, mas mesmo lutando com entusiasmo — era ali considerado como a crónica «lanterna vermelha» do respectivo campeonato.

### UM PRINCÍPIO DIFÍCIL

O Futebol Clube de Famalicão baixou, mais tarde, à Promoção. Na mesma época ganhou, porém, o campeonato promocionário e pôde voltar ao antigo pósto.

Grupo sem recursos financeiros, vivia da iniciativa e do esforço dos seus dirigentes. E só há cerca de três épocas começou a revelar-se como equipa de valor, dentro do distrito. Durante muito tempo, o Vitória de Guimarães, campeão regional, não conseguiu vencer o Famalicão no seu campo. O campo da Barberia era, para os vimeiraneses, de evidente e tradicional «mala-pata». E ainda hoje é o Famalicão o único clube que bate o campeão. É o seu mais directo rival...

O Famalicão, presentemente, é o clube que pratica melhor «association» do distrito de Braga. O seu jôgo é todo filigranado, passe o termo, pecando apenas por falta de remate na zona em que carece de decisão. Há três épocas que o Famalicão é o segundo classificado no campeonato de Braga.

### A MELHORIA DO CLUBE

Graças a Armando Bessa Lima de Amorim Pinto, vice-presidente da direcção do clube — portuense nato, mas famalicense pelo coração — a equipa tem melhorado sensivelmente e o clube tem recrutado alguns jogadores de valor. Fez-se, no entanto, depender de um bom treinador o trabalho de valorização técnica do clube. Data dessa altura a aquisição de Janos Szabo como treinador e jogador.

A direcção confiou a Szabo a preparação das suas equipas do popular desporto. E vem de pouco depois a subida de forma do Famalicão. O «onze» de honra adquiriu classe,

criou personalidade e começou a afirmar-se como uma boa equipa da provincia. Em 1942-43 triunfou no campeonato distrital de reservas, além de conseguir, como de costume, o segundo lugar no torneio de primeiras categorias. Foi talvez nessa época que o Famalicão teve melhores esperanças na vitória final.

Pelo primeiro «team» do clube alinhavam, com Janos Szabo, alguns jogadores de inegável merecimento, como Tellechea, argentino, que estivera no Belenenses e no Académico, Carlos Nunes, que subira a «internacional» pelo Futebol Clube do Porto, e Adelino Ramos, do Vitória de Setúbal. E bem assim alguns rapazes da terra com bastante habilidade.

Nas diversas equipas do Famalicão, que Szabo prepara há três campeonatos, têm aparecido elementos novos, com jeito para o futebol. Uns desertaram em breve, convencidos de que são já «ases». E outros não puderam ser aproveitados imediatamente, por causa da falta de idade para a entrada nos campeonatos.

### UMA «LINHA» SÓ COM «EXTREMOS»

Na última época, o Famalicão bateu o Vitória de Guimarães, por 4-2. Neste encontro, o Famalicão apresentou uma linha avançada constituída por cinco extremos esquerdos: — Carlos Nunes, Sampaio, Ernâni, Adelino e Gita. Talvez que o Vitória se tivesse desorientado com esse facto... Mas a verdade é que o Famalicão fez uma exibição admirável.

A equipa de Famalicão foi para as restantes jornadas confiadamente. Mas de aí por diante começaram as baixas, por motivos diversos, e o treinador teve de arranjar um grupo de recurso. Szabo nunca desanimou. Procurou, pelo contrário, transpôr tódas as dificuldades que se lhe depararam, na sequência dos campeonatos.

### A HISTÓRIA DE UMA ÉPOCA

De modo geral, podemos classificar de brilhante o comportamento do Futebol Clube de Famalicão, em 1943-44.

No campeonato distrital manteve a classificação habitual — segundo lugar. Mas cometeu a proeza de bater um Vitória que se julgava invencível, no distrito.

O Famalicão entrou no campeonato nacional da II Divisão, formando grupo com Vila Real, Sporting de Fafe, Vianense, Gil Vicente, Sporting de Braga e F. C. de Vizela. A primeira volta desta série terminou-a o Famalicão em primeiro lugar, apenas com vitórias, e com o «score» de 23-4. Na segunda volta, perdeu com o Sporting de Braga, por

2-3, e teve dois empates. Manteve, porém, o primeiro pósto, ganhando a série com uma diferença de 4 pontos sobre o segundo classificado, o Sport de Vila Real. Marcou 48 bolas e sofreu 17.

Na classificação da sua «zona», para a entrada nos quartos de final, jogou com o Leixões. No fim do tempo regulamentar, havia um empate de 2-2. O Famalicão marcou mais um ponto no prolongamento, ganhando por 3-2.

O Famalicão chegou aos quartos de final do campeonato. Coube-lhe, porém, defrontar o Sport de Vila Real, naquela cidade. E perdeu, então, por 3-5, não obstante haver vencido duas vezes aquêlê clube na «poule» eliminatória.

Para a entrada na «Taça de Portugal», defrontou o Sanjoanense, batendo-o, em Famalicão, por 4-1.

Na «taça», para os oitavos de final, teve de jogar com o Vitória Futebol Clube, de Setúbal. No primeiro desafio, em Famalicão, houve uma derrota, de 0-2. No domingo imediato, o Famalicão arrancou um empate, de 1-1, em Setúbal.

Fecha, aqui, o resumo de uma época que é a mais brilhante na existência do F. C. de Famalicão.

### UMA NOVIDADE — E UMA HONRA

A última época teve, pois, para o clube famalicense, a grata novidade da entrada na «Taça de Portugal». Foi uma novidade e uma honra.

Depois de o «onze» de Famalicão se alçar a um dos favoritos do campeonato nacional da II Divisão, pois tudo fazia prever um novo triunfo em Vila Real, e após as esperanças dos jogadores famalicenses serem traídas pelas condições do sorteio, o Famalicão teve oportunidade de levar mais longe a sua competição na «Taça de Portugal».

A derrota sofrida no seu campo tornou inútil o empate obtido em Setúbal. Para a história, e para compensação, ficou, no entanto, a opinião da crítica acerca do jôgo. No seu parecer, o Famalicão fez exibição magnífica. Mas não teve a sorte por si, como a não tivera uma semana antes.

O saldo dos dois jogos deu 3-1, a favor do Vitória.

### O FUTEBOL E OS OUTROS DESPORTOS

Não é de estranhar que o futebol seja o desporto que mais se pratica no Famalicão. É assim em toda a provincia. Mas o campo da Barberia não tem condições para outros desportos.

(Continua na 2.ª página)



## segundo a opinião de Szabo, capitão e treinador do clube

**J**ANOS SZABO é o treinador e jogador do F. C. Famalicão. Natural de Miskolc, Hungria, o simpático jogador é técnico e profissional de futebol desde a idade dos 15 anos. Depois de ter feito várias épocas no seu país, foi convidado a ir para França, com um vantajoso contrato. E em 1934 Szabo ingressava no Solshout, onde esteve durante quatro temporadas.

Janos Szabo era e é um jogador prodigioso, de inegáveis recursos, conhecendo todos os segredos da bola. Jogando sempre a médio centro,

tanto em França como em Portugal, o seu nome popularizou-se facilmente. A França queria-lhe imenso e o seu nome andava a ureolado de prestígio.

Durante duas épocas consecutivas, o seu grupo, o Solshout, ganhou o campeonato da França e em 1938 a Taça. Foi diversas vezes seleccionado em jogos inter-regiões, mas nunca chegou a internacional, porque não quis naturalizar-se francês. Em 1938 mudou para o Cheleville, onde esteve um ano, por ter sido declarada a guerra.

Veio para Portugal em 1939 e ingressou no Académico do Pôrto, onde prestou o seu concurso durante duas épocas, sendo seleccionado, pela equipa representativa daquela cidade, para o «Pôrto-Lisboa». Há três anos que se encontra no F. C. de Famalicão como jogador e treinador.

— ... e estou satisfeito com o meu actual clube — rematou Szabo ao findar a história da sua carreira desportiva.

— Tem, portanto, aspirações? — perguntamos-lhe.

Szabo sorriu e respondeu-nos:

— Se não tivesse aspirações, não se compreendia a minha missão. Infelizmente, tem havido pouca sorte: quer os esforços dos jogadores, quer o dos dirigentes, não têm sido coroados do êxito que merecem.

E prosseguindo:

— Depois da época passada, e de termos infelizmente perdido o campeonato de Braga, contei ganhar o campeonato nacional da II Divisão. Pelo menos, ir à final. Nem nessa altura, porém, tivemos sorte, porque o sistema usado em Portugal, para o apuramento das eliminatórias, é de maneira a triunfar aquele que tiver mais sorte — e não aquele que tiver mais valor. E assim foi ...

— E o comportamento da equipa foi bom?

— Sim. Foi bom. Não devo, nem quero, negar o valor dos rapazes. Mas tive pouca sorte e, por isso, de recorrer a um grupo que nunca foi o nosso melhor, pois desde o início que fiquei logo sem três unidades de merecimento. Devo confessar que fariamos mais se os nossos jogadores fôssem assíduos aos treinos.

— E a «Taça de Portugal»?

— Parece-me a lei das compensações... Mas a pouca sorte também esteve connosco. Depois de perdermos ingloriamente no nosso campo, com o Vitória de Setúbal, fomos lá e, num ambiente estranho, empatámos, quando devíamos ganhar. Foi um jornada que me deixou saudades...

— Quanto ao futuro? — perguntámos ainda.

— O futuro... a Deus pertence! Se bem que a minha equipa esteja inferior à época passada, espero, no entanto, manter o seu prestígio. O campeonato de Braga será disputado em ambiente de grande entusiasmo e tornará difícil a carreira do vencedor.

Que assim seja — dissemos nós a Szabo, quando, concluída a entrevista, lhe desejámos muitas felicidades e lhe apresentámos os nossos agradecimentos.



Janos Szabo

## UM PROBLEMA PARA FAMALICÃO

### A construção do estádio municipal com o nome de Narciso Ferreira

**S**UBSTITUÍMOS desta vez a entrevista com um director do clube interessado para dar mais realce ao alvitre lançado, nas colunas de um jornal de Vila Nova de Famalicão, para satisfazer uma das mais imperiosas necessidades do clube local — a construção do novo parque de jogos. O campo de Berberia está condenado e serve unicamente para o futebol, dissemos-lo já nesta reportagem sobre o Futebol Clube de Famalicão. Mas a solução do problema transcende o âmbito das possibilidades financeiras do clube.

Há, pois, que procurar a viabilidade da solução fora de acção do clube. E foi encontrada pelo sr. Amadeu Mesquita, comerciante, industrial e jornalista, das melhores boas vontades de Famalicão na luta pelo seu progresso. Amadeu Mesquita é um esforço trabalhador pela sua terra. Tem pôsto ao serviço de Famalicão tudo o que pode caracterizar uma personalidade de tenacidade. Famalicão deve-lhe serviços de eleição — inteligência, isenção, entusiasmo e relêvo, que não esquecem facilmente.

Pois foi Amadeu Mesquita quem, num semanário local, levantou a ideia, brilhantemente. Narciso Ferreira, industrial feito à custa de um esforço prodigioso, morreu há pouco tempo. Era uma figura de prestígio — talvez o maior industrial da região, notável pelo seu forte poder de iniciativa. Narciso Ferreira foi um exemplo admirável de dedicação pela sua terra. Riba de Ave transformou-se, pela sua acção, num centro in-

dustrial de primeira categoria, dentro do concelho.

Narciso Ferreira tem direito à consagração póstuma. Surgiu, assim, a ideia de se erguer uma estátua ao falecido industrial, numa praça pública, em Famalicão. A estátua seria custeada exclusivamente pelo comércio e pela indústria do concelho. Não precisa de outra cooperação financeira para ser possível a construção.

Amadeu Mesquita, concordando com o propósito de consagrar o nome de Narciso Ferreira, surgiu, no entanto, de pena brilhante ao serviço do desporto, com outra ideia: em vez de uma estátua em praça pública, em vez de um monumento estático a homenagear quem se caracterizou pelo dinamismo da sua acção, entende preferível a construção de um grande estádio municipal, sob a sua égide. Conseguir-se-ia um duplo fim — consagrar o nome de Narciso Ferreira e ligá-lo a mais um melhoramento para a terra.

Ao Futebol Clube de Famalicão interessava-lhe contribuir para que a ideia da construção do estádio obtinha completo êxito. Amadeu Mesquita sabe lutar com entusiasmo. Não há impossíveis para ele. Mas a um clube de desporto cumpre o dever de afirmar a sua solidariedade em público, concorrendo, dentro das suas funções, para que Famalicão tenha um parque de desportos digno da sua importância, como vila progressiva, que procura marcar posição de relêvo no norte do país.

Instalações e perspectivas

O campo da Berberia está óptimamente instalado e possui bancada descoberta e tribuna. Foi o primeiro campo a ser construído em Famalicão. Mas está condenado. O clube pensa, por isso, em novo parque de jogos. É, porém, problema que transcende a acção do clube.

Mesmo com o actual campo, espera a direcção do Futebol Clube de Famalicão manter o ritmo de entusiasmo e melhoria da última época. E para isso se preparam as suas equipas de futebol.

Dentro das suas aspirações, está a vitória no campeonato de Braga. Esse triunfo abrir-lhe-ia as portas da I Divisão do campeonato de Portugal, suprema aspiração de todos os desportistas de Vila Nova de Famalicão, núcleo industrial dos mais florescentes no norte do país.



## "Boxe" no Parque Mayer

O espanhol Llacer dominou amplamente A. de Sousa.  
A falsa vitória de Wilson e os restantes combates.

Crónica de RAFAEL BARRADAS

SOB uma atmosfera úmida e algo fria, pouco propícia à realização de combates ao ar livre, efectuou-se na sexta-feira o anunciado espectáculo de pugilismo do Parque Mayer, cujo programa compreendia dois jogadores espanhóis, um conhecido — Guadalupe — e o outro em primeira exibição — Llacer.

Sousa II (56 kg.) e Lino Domingos (58 kg.) iniciaram em 6 assaltos as pugnas da noite, terminando em vencedor o primeiro nomeado. Decisão justa do sr. Aluizio Falcão. Em seguida, António Mateus (62 kg.), atacando constantemente e aplicando duros golpes no adversário, derrotou Jack Freitas (60,5 kg.), mais moroso e indeciso que noutras ocasiões. Notámos-lhe marcada tendência em movimentar os membros inferiores contra as boas regras do jogo, cruzando-os freqüentemente, tanto ao avançar e recuar como nas deslocagens laterais, com prejuízo manifesto da sustentação do corpo.

O grau de insuficiência de conhecimentos da maioria dos nossos pugilistas profissionais não tem paralelo, decerto, em nenhum outro país. Para muitos deles escrevemos nós, há pouco tempo, um brevíssimo sobre a matéria — mas, pelo visto, passou despercebido às pessoas mais justamente interessadas no seu conteúdo...

Em meio-fundo, vimos Diamantino Gama (74 kg.), agora guardado à direita, combater contra João Teixeira (74,300 kg.), durante 6 assaltos movidos e confusos, que terminaram com a vitória por pontos de Diamantino. Mostrando-se, muito embora, mais preparado que nos seus primeiros encontros, não merecia a

decisão, que lhe foi outorgada precipitadamente. Dizêmo-lo assim porque o director do combate indicou o vencedor antes de efectuar a adição de pontos do seu boletim, contra a mais elementar regra do bom-senso. A vantagem obtida por Gama era negativa e para o final do combate o seu adversário conseguiu o domínio pleno da situação...

O outro combate de meio-fundo disputou-se entre Guadalupe (64 kg.) e Carlos Wilson (64,200 kg.). De entrada, o pequeno espanhol partiu ao ataque e atingiu com bons golpes o estômago e a cara do adversário, ao mesmo tempo que esquivou as suas espadadas tentativas.

Aproveitando os seus conhecimentos e longa prática, Guadalupe assenhorou-se da situação e manteve largo predomínio pontual até aos dois últimos assaltos. Wilson reagiu algo nestes períodos, mas não pôde anular a vantagem antecedente e terminou batido sem discussão. O desfecho surpreendeu-nos e só conseguimos atribuir-lhe à influência de certos espectadores — a *claque* — que, por conveniência ou por ignorância, insistem em impôr aos árbitros

as suas opiniões. Tais processos podem ser vantajosos para a empresa, por exemplo, que defende assim os pugilistas nacionais de certo cartaz, mas são indignos sob o ponto de vista puramente desportivo. O público, no seu interesse e no dos jogadores, deverá abster-se de «conduzir» as peripécias do jogo e tem por obrigação ver e calar até ao termo da luta.

Em fundo, foi apresentado o pugilista espanhol Llacer (68,200 kg.), que derrotou amplamente Augusto de Sousa (66,200 kg.), por pontos, após 10 assaltos muito bem disputados.

Desde o início se verificou o poder de golpe e o bom trabalho da «esquerda» do jogador visitante, neutralizando e ameaçando constantemente em «contras» as possíveis ofensivas da mão direita do português. Por esse motivo, Sousa empregou pouco essa mão e conservou-a justamente na defesa, o que a quasi totalidade dos espectadores não compreendeu. Logo nos primeiros assaltos, Sousa é duramente atingido e flutua desesperado pelo ring fóra, mas sempre atento e combativo. Assistimos à prova do óptimo poder de encaixe do pugilista nacional, ainda que por vezes no solo, e também à prova dos frutos da sua experiência profissional, que o fizeram durar até ao timbre definitivo. Durante todos os assaltos, o domínio de Llacer foi claro e profundo, jogando à vontade, e só nos últimos lutou com cansaço e permitiu que Sousa baralhasse a pugna, para dar uma falsa noção de que passara ao ataque.

O árbitro, sr. José de Araújo, proclamou Llacer vencedor, decisão muito justa e que corresponde aos acontecimentos. Durante a acção, soube ver e actuar de harmonia com o procedimento dos pugilistas, efectuando uma boa arbitragem.

Sousa disputou o combate mais difícil e rude que lhe temos visto fazer. Tirou partido largo da sua experiência e, conquanto batido, não desmereceu do conceito popular — nem do nosso.

## DESPORTO CORPORATIVO

## Bons resultados e excelente organização nos campeonatos nacionais de atletismo da F. N. A. T.

Na manhã do dia 5 celebraram-se no campo «Afonso de Albuquerque» os segundos campeonatos nacionais da F. N. A. T., com a presença de atletas seleccionados em Lisboa, Porto, Coimbra e Braga. A competição foi animada, os resultados francamente bons e a organização perfeita, em prova do que basta dizer que todo o vasto programa foi despachado em pouco mais de duas horas e meia, na mais perfeita regularidade e superando em alguns pormenores o habitual nos torneios oficiais.

Disputaram-se, por exemplo, sempre simultaneamente, um salto e um lançamento, e trabalharam com absoluta regularidade nada menos de sete cronómetros.

Afirmamos que as marcas haviam sido dignas de apêço e, em boa verdade, podemos ir mais longe: muitos dos atletas novatos que participaram no torneio mostraram aptidões para brilhar em a par dos melhores em qualquer categoria equivalente e os antigos campeões que — por abandono há mais de um ano das provas clubistas — ingressaram nas hostes corporativas, classificaram-se pela sua maior experiência e estilo mais apurado, mas não dominam os adversários, como se poderia presumir.

Outro aspecto interessante a considerar no torneio é o da participação provinciana, porque quasi todos os concorrentes confirmaram as suas marcas de origem; falharam apenas os campeões do Porto e Braga em 80 metros, creditados ambos de 9,8 s. e eliminados nas séries com tempo muito superior, e o campeão portuense dos 300 metros, que ficou muito distante dos anunciados 40,2 s.

Merece realce a representação coimbrã, muito equilibrada, à qual pertenceram os 2.º e 3.º lugares nos 300 metros. O portuense Gomes classificou-se 2.º no disco e 3.º no peso.

Eram em número de 71 os homens seleccionados por haverem ultrapassado nos regionais os mínimos estabelecidos: do Porto vieram 10, de Coimbra 6 e de Braga 4, faltando dois; dos 49 apurados em Lisboa faltaram apenas e lamentavelmente os 7 representantes de H. Vaullier.

Os 80 metros foram muito bem ganhos em 9,9 s. (tempo de apreciar pelo forte vento contrário) pelo bombeiro Craveiro da Costa, que partiu rapidíssimo e conseguiu resistir ao forte ataque final de Manuel Costa. O melhor provinciano foi o bracearense Tavares Fernan-

des, único que alcançou o final com o tempo de 10,1 s.

A final de 300 metros foi empolgante e só se resolveu na recta final, com a embalagem poderosa de Cesar Gomes, creditado em 40,6 s.; Domingos Estaca e Antonio Freitas classificaram-se a seguir, em 41 s. e 41,1 s.; nenhum provinciano participou na final e o mesmo Ta-

(continua na pág. 15)

## O popular BENFICA em Setúbal

MAGNÍFICA, sob todos os aspectos, a jornada do popular Benfica a Setúbal, na última quinta-feira.

A linda cidade do Sado esteve em festa durante todo o dia — uma festa a todos os títulos brilhante e simpática (iamos a escrever entusiasmada) que reuniu os desportistas e não desportistas da terra de Bogaça.

Dia o vulgo que «o que lá vai... lá vai». Mas desta vez impôta recordar a reus sofrido pelo Vitória há meses, porque sem ele talvez não fosse possível esta demonstração de vitalidade do desporto e de nitida compreensão da solidariedade que sempre devia reinar entre gente que luta pelo mesmo ideal.

Ao referirmo-nos ao «Dia do Benfica» (os setubalenses quiseram ter a gentileza de dominar assim a jornada entusiasmada da 5.ª feira passada) não sabemos o que salientar em primeiro lugar: se os fins beneméritos da festa, se a insosfismável demonstração da solidariedade existente entre as duas colectividades, se a grata recordação de uma das secções mais notáveis do Vitória, se a propaganda de modalidades que em Setúbal podem expandir-se.

Mas no que não hesitamos é em considerar excelente servido o ideal desportivo. Os «encarnados» e os «vitorianos» forneceram um verdadeiro exemplo de camaradagem desportiva e de altruísmo.

Que o exemplo frutifique, são os nossos desejos.

O Benfica deve ter conquistado as simpatias gerais dos setubalenses. E bem as mereceu — digno-lo desde já. A homenagem singela da deposição de ramos de flores nos monumentos a Bogaça e aos Mortos na «Grande Guerra» deve ter calado profundamente no íntimo dos sadinos. O auxílio que os «encarnados» dispensaram a essa grandiosa obra de beneficência que é a Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, a frente da qual se encontra como provedor o antigo desportista do Benfica, Carlos Homem de Figueiredo, deve ter sido grata a todos os bons filhos de Setúbal. E, finalmente, o incentivo que os representantes do Benfica levaram aos socios do Vitória, fazendo-lhes ver a beleza e a utilidade do atletismo e do ciclo-turismo, deve ter encheido de alegria os desportistas locais, para quem a expansão e o engrandecimento do clube de Mariano Coêlho é tudo.

E tudo isto parece ter sido belamente compreendido pela gente de Setúbal. Nem outra conclusão se pode tirar

das afirmações proferidas nas sessões de boas vindas efectuadas na Câmara Municipal de Setúbal, na sede do Vitória F. C. e no discurso do almoço oferecido à embaixada. Porque a presença de figuras em evidência na terra, como o dr. Mário Madeira, ilustre governador civil do distrito, e as palmas espontâneas e ruidosas do público que encheu o campo dos Arcos, também testemunharam claramente o apêço e gratidão dos setubalenses.

Não se poderia dispensar nestas despretenciosas linhas uma breve referência ao festival do campo dos Arcos.

As provas de atletismo serviram para abertura do programa. Atletas consagrados prenderam por momentos a atenção da assistência, que não escondeu a sua admiração por Mota Fernandes, Martins Vieira, Luis Alcide, Antonio Santos, Eleutério, Pires de Almeida, Mendonça e outros, distinguindo-os com corichosos aplausos, após exhibições de saltos, lançamentos e ras.

Depois a disputa de um encontro de «hockey» em campo — uma modalidade que os setubalenses deixaram de praticar há séculos de oito anos — forneceu a nota exótica de algumas tardes de glória para o Vitória. Quasi na íntegra, o mesmo punhado de rapazes que noutros tempos envergaram a camisola listrada do seu clube de sempre, numa prova evidente de dedicação pela colectividade, contra o valoroso «team» do Benfica, auxiliado com os títulos de campeão de Lisboa e Portugal. A exibição dos locais, alento o seu prolongado afastamento da prática do «hockey», em campo excedeu a expectativa mais optimista, ainda que não esqueçamos que os «encarnados» não forçaram o andamento do jogo.

Não fica mal indicar os nomes desses jogadores. E-los: Mário Cruz; João Carlos e Francisco Crujeira; Antonio Crujeira, António Guerreiro e Alfredo Pedrosa; Amílcar Rosa, João Costa (depois José Faria), Oscar Machado, Francisco Guerreiro e Marques Ferreira.

A apresentação dos ciclo-turistas do Benfica, em número de 70, forneceu nota agradável e entusiasmou o público.

Por fim — o «prato de resistência»: o desafio de futebol, que teve a virtude de deixar toda a gente contente em face do resultado — um empate (1-1). Não houve vencedor nem vencido, como se viu na honesta jornada de bom-fazer e de dignificação do ideal desportivo, em que todos se igualaram em condições de se merecerem simpatias e gratidão.





atingida a 4.ª jornada isolou-se no 1.º lugar apesar do empate no ESTORIL



**Breitling**  
 INSENSÍVEL AS VARIACÕES DE TEMPERATURAS  
 APROVADO PELA AVIAÇÃO PORTUGUESA  
 ANTI-MAGNETICO  
 REFEITO PELS DESPORTISTAS  
 O melhor cronógrafo



BENFICA - BELENENSES: 1—Armando escapou-se a Carvalho mas perde a bola nas mãos de Martins, que se lançou em arrojado mergulho; 2—Acácio corta uma avançada benfiquense sem recelo do ímpeto de Teixeira. Espírito Santo, Feliciano, e Vasco seguem a jogada; 3—Outra entrada de Acácio—esta sem expli-ção fácil... Espírito Santo não conseguiu, apesar da sua agilidade, evitar que Feliciano afastasse o perigo; 4—Quaresima vai centrar. João Silva, deixa transparecer na máscara o esforço feito inutilmente para evitar a acção do adversário, C. U. F.-ATLETICO; 5—Audacioso mergulho de Armando Jorge, que salva para «cantos» um remate deveras perigoso; 6—Outra decidida intervenção do valente «keeper» alcantarense, que resolveu satisfatoriamente o concurso tardio de Gregório. ESTORIL-SPORTING: 7—Peyroteo vê inutilizado o seu esforço perante a voluntariedade de Valongo, que salvou o perigo, a sóco, para «corner»; 8—Apesar da oposição de Marques e Peyroteo, Valongo, também a sóco, consegue afastar o perigo



OS GRANDES TORNEIOS DO FUTEBOL

# O BELENENSES

## EM FASE DE RESSURREIÇÃO

### O JULGAMENTO FRIO E SERENO DOS PROBLEMAS DA 4.ª JORNADA

Crónica de TAVARES DA SILVA

QUE esta 4.ª jornada veio mais uma vez relembrar o princípio de que *todos os encontros são difíceis*—não há dúvida nenhuma. Sobretudo quando, mesmo que se trate de adversário mais forte, ele tenha de pisar terreno acostumado a outros pitons.

Antigamente, neste mesmo campeonato de Lisboa, havia jogos de vencedor certo. Uns caminhavam para o campo já metidos no papel de *ritmo*. Outros faziam de *titano*, e lá muito de longe em longe consentiam, com o ar mais paternal deste mundo, uma diabrura aos seus contendores. Com a evolução do futebol—aproximámo-nos mais do equilíbrio, e quasi se pode afirmar que já não existem nem vítimas nem tiranos, mas concorrentes em igualdade de condições, muito conscientes da verdade de que importa lutar, e de que, em futebol, *são sempre onze de cada lado e a bola é redonda*, no pitoresco conceito popular.

Abstraindo o resultado do Campo Grande, que não tem significado especial para o que pretendemos pôr em relevo (pois não é certo que se justifica perfeitamente uma vitória do Belenenses sobre o Benfica, mesmo partindo este em *favorito*?) afigura-se-nos indiscutível que os empates do Estoril e do Lumiar. A alguma coisa querem dizer. E alguma coisa de bom. O Sporting, ocupante do primeiro posto, não conseguiu melhor do que a igualdade de *goals* contra o novo divisionário; e o Atlético, pujante de vida, grupo justamente acalentado pela crítica, não conseguiu levar a melhor contra o chamado *lanterna vermelha*.

Quer dizer, e isto apresenta-se como excelente sintoma: não há hoje um concorrente no campeonato de Lisboa que não possa perder com qualquer dos outros. Mais, há que nos acostumarmos à ideia de que os resultados como o do Estoril não podem somente ser fruto do acaso e da inconstância da bola, mas resultado do maior equilíbrio de forças concorrentes, ou de melhor distribuição de valores.

Na movimentação do torneio e das jornadas, cada grupo descreve a linha da sua *forma*. Evidentemente, uns mais uniformemente do que outros. De resto, não há coisa mais delicada e inconstante do que esta coisa que dá pelo nome de *forma* (espécie de mulher sensível) que, de um momento para o outro, provoca as mais vivas surpresas. Um *team* que está no alto—cai. Um que está em baixo—pula. E às vezes a gente nem se apercebe do porquê da queda ou da ascensão. Sabe-se lá porque! Claro que tudo tem uma significação, e bem buscada ela deverá por certo encontrar-se, mas a verdade é que isso é tão difícil que escapa a quasi toda a inteligência e aos melhores olhos da Bola.

O Sporting, apesar de tudo, parece o mais regular. O Benfica indicou no passado domingo má indisposição, que tanto poderá ser passageira como cousa que persista durante algum tempo. O Belenenses acha-se no caminho da ressurreição. Atlético e Estoril revelam média normal de jogo. A Cuf anda claramente no caminho do estudo, e talvez suba, pelo menos, em nível de *association*.

O alinhamento dos *teams* na 4.ª jornada proporcionou várias novidades. No Benfica surgiu um novo médio-centro, Moreira, vindo do Barreirense. O Sporting continua em preocupações com o problema do interior-direito, tendo lá colocado novamente João Cruz. O Estoril tapou a falta de Petrak com Ernesto. A Cuf passou Carlos Pereira para médio-esquerdo, fazendo a experiência de José Alves, como que resolvida a talhar novas perspecti-

vas. O Atlético assegurou-se na asa direita com Micael, vindo da Académica, grupo a esfrangalhar-se na sua estrutura geral. Motivos que sempre significam alguma coisa.

De modo geral, a 4.ª jornada não foi de louros para o futebol lisboeta, devendo ter-se em conta que a *afirmação belenense* é o suficiente para a pôr em lugar destacado—em relação ao que se passou e ao que se vai passar.

O Belenenses jogou mais e melhor—eis tudo!

Cada vez nos convencemos mais de que é muito difícil ver os desafios a frio. Serena e imparcialmente. Não se conhece público mais inconstante que o da bola. Se as coisas não correm de feição para os grupos da sua simpatia—vá de culpar tudo e todos pelo que acontece. O que até aí tinha valor passa, mesmo, a não valer nada.

Por exemplo, ao nosso lado, no Benfica-Belenenses, na modestia e no ignorado do nosso lugar da bancada, vários assistentes atribuíram a crise do Benfica em campo aos últimos louvores da crítica, esquecendo-se que esse procedimento só poderia servir para cimentar valores, dando ao grupo a necessária confiança nos seus recursos.

Como se não fosse natural a má exibição, uma vez, numa boa equipa, mesmo tratando-se de um grupo com excelentes provas dadas...

## OS JOGOS DA II DIVISÃO DA A. F. L.

Na 4.ª jornada...

... e na quinta «ronda»

O feriado do dia 5 foi oportunamente aproveitado pela A. F. L. para adiantar o seu campeonato da II Divisão, que comporta 14 jornadas. Os clubes tiveram, assim, uma «saída» a meio da semana, sem que isso pudesse merecer-lhes reparos, visto que a «sela» foi igual para todos—e todos se apresentaram em idênticas condições nos encontros do último domingo...

Na quarta «ronda» do campeonato anotaram-se os seguintes resultados:

Futebol Benfica-Fosforos.....	3-0
Chelas-Marvilense.....	5-1
Casa Pia-Sacavenense.....	1-1
Olivais-Operário.....	1-1

As alterações que estes desfechos provocaram na tabela das classificações foram poucas e só influíram para os primeiros e últimos lugares da ordenação das equipas.

Desta maneira, o Operário, que era o «leader», passou a ter dois companheiros nessa invejável posição, e o Casa Pia deixou atrás de si o Marvilense, como único «lanterna vermelha».

Eis a classificação ao fim da 4.ª jornada: 1.º Operário, Chelas e F. Benfica, 11 pontos; 2.º Sacavenense, 9 pontos; 3.º Fosforos, 7 pontos; 4.º S. L. Olivais, 6 pontos; 5.º Casa Pia, 5 pontos; 6.º Marvilense, 4 pontos.

\* \* \*

Ao fim de quatro jornadas começaram já a definir-se posições e a poder fazer-se juízos mais certos sobre as probabilidades de cada concorrente.

Parece coisa assento que tanto o Chelas como o Futebol Benfica são as equipas mais regulares. Ambos venceram—foram os dois únicos vencedores—e por escorço—que não deixam margens para dúvidas quanto ao mérito do triunfo.

O Operário, com uma vitória pela tangente, em casa, e agora com um empate, começou a dar a sensação de menos temível. O Casa Pia, C. mostrou tendências para melhorar, tal como o S. L. Olivais. O Sacavenense revelou-se incerto. O Fosforos não parece uma equipa vinda da I Divisão. E, finalmente, o Marvilense manteve-se em crise.

Ainda em relação à 4.ª «saída», podem considerar-se normais as vitórias dos chelenses e benfiquenses; de surpresa, o empate imposto pelos encarnados dos Olivais, e resultado certo, para a exibição das duas equipas, o empate entre o Casa Pia A. C. e o Sacavenense.

E, na verdade, nada mais natural. Pondo já de lado a circunstância do adversário do Benfica se chamar Belenenses, o que equivale a dizer grupo mais ou menos igual, ou capaz de luta equilibrada, não há dúvida que os *encarnados* estiveram numa tarde infelicíssima, destas datas aborrecidas em que tudo sai mal, todos os projectos dos jogadores e todas as trajetórias da bola. Quando assim acontece—nada ha a fazer. Porque não nos devemos esquecer que o futebol é um jogo, intervindo, portanto, em maior ou menor grau, o factor sorte, ou o azar, a cara ou cruz...

Perdido o fio de ligação entre os avançados benfiquenses, estava quasi tudo perdido. Se a melhor peça estava encravada, e avariadíssima, como estranhar a repercussão desse facto pernicioso nas demais partes componentes? É evidente que a meia-defesa se ressentiu, e até a defesa, estamos em afirmar que o próprio guardarede, isto é, a função. Se ainda estivesse em campo um bom pianista a médio-centro, por exemplo, Albino, talvez que a instrumentação não se mostrasse desafinada—tão certo é que num grupo tudo vive agarrado, por vezes, a uma orientação, e essa é a do médio-centro. Um lugar em que não aparecem os bons músicos.

Isto não quer dizer que o Belenenses não tenha realizado excelente partida. Pelo contrário, devemos afirmar que o *team* de Belem, cuja vida não temos seguido tão atentamente como desejaríamos, nos impressionou esplendidamente. Porque do seu futebol, além de outras qualidades, se desprende um vigor e uma força que impressionam. Estamos habituados no nosso país ao futebol praticado por homens de raça pequena, de forma que nos provoca vivo espanto o futebol de homens altos, fortes, ossudos, com pernas de aço e de *pinhão* vigoroso. Ora toda a esfera belenense (incluindo a linha medular) é deste tipo, e isso ressaltou mais em frente de uma formação que, como a do Benfica, joga normalmente em subtilidade e na fuga do corpo.

O Belenenses ganhou, no entanto, pela sua modelar organização defensiva. Pode afirmar-se, sem receio de exagero, que o chamado

Depois dos encontros de domingo, mais se radicou a impressão da irregularidade de algumas equipas concorrentes a este torneio da II Divisão da A. F. L. Vem isto a propósito da vitória do Fosforos e da consequente derrota do Chelas. Desdémamos, os prognósticos estão vedados... Este desfecho fica como o mais sensacional da quinta jornada do campeonato, pois a melhoria que o Olivais e o Casa Pia estavam a denunciar torna pouco surpreendentes as suas vitórias sobre Sacavenense e Marvilense. E o empate entre o Operário e o Futebol Benfica também não espanta.

Os resultados de domingo poucas alterações trouxeram à tabela da classificação, que ficou, agora, assim ordenada: 1.º Futebol Benfica e Operário, 13 pontos; 2.º Chelas, 12 pontos; 3.º Sacavenense e Fosforos, 10 pontos; 4.º Olivais, 9 pontos; 5.º Casa Pia A. C., 8 pontos; 6.º Marvilense, 5 pontos. Vê-se, portanto, que o Chelas perdeu o seu lugar no trio da frente, que o Fosforos se aproximou dos grupos melhores classificados e que o Casa Pia fugiu mais ao perigo do último lugar.

Nesta jornada marcaram-se 14 «goals». Nas anteriores registaram-se, sucessivamente, 18, 31, 10 e 13.

\* \* \*

Os resultados dos encontros de domingo foram os seguintes:

Operário-F. Benfica.....	1-1
Fosforos-Chelas.....	3-0
Marvilense-Casa Pia A. C.....	1-3
S. L. Olivais-Sacavenense.....	4-1

O primeiro destes desafios, tendo em atenção as possibilidades reveladas pelos dois contendores nas anteriores «saídas», era o de maior interesse. A principal característica da luta foi o equilíbrio, de modo que o resultado aceita-se como desfecho natural. Os benfiquenses só lograram estabelecer a igualdade a 5 minutos do fim. Passaram, sem dúvida, um mau bocado.

O Fosforos parece valer bastante mais em casa. Mas é de admitir que um «goal» a dois minutos do começo tenha dado «crampo» diferente daquele que a luta tomara sem esse tento. O Chelas lutou arduamente por melhor resultado, mas a defesa do Fosforos chegou para as ocasiões.

A luta entre marvilenses e cassipanos também deu um «goal» logo aos 3 minutos, que pode ter tido influencia no desenrolar das operações. Os visitantes consentiram o empate mas no segundo tempo jogaram para justificar o resultado.

Os olivalenses venceram e convenceram. Dois «goals» em cada meio tempo justificaram a vantagem adquirida e forneceram a indicação de que o «team» está a melhorar.—ZE DO PRAO





jogo de colocação teve uma tarde em cheio. Com as tarefas muito bem distribuídas, cada homem da defesa de Belem guardou, vigiou e exerceu domínio sobre cada homem do ataque do Benfica, contribuindo para o desluzo desta linha. Levantando a bola, os benfiquenses favoreceram ainda a tática do Belenenses. Porque a verdade é esta: o vencedor ganhou o desafio com um único goal. O que alguma coisa diz sobre o trabalho em campo.]

Na segunda-feira passada, ainda alguns espíritos deviam atribuir à arbitragem a derrota — como a vitória. A medida, porém, que o tempo decorre, tudo se esclarece devidamente. Claro que a arbitragem foi inferior — sobretudo na parte final e decisiva do encontro. Não lhe façamos cair, no entanto, todo o peso das responsabilidades benfiquenses. A verdade é que o Belenenses jogou mais e melhor. Quando assim se ganha — está bem. E até quando se perde como o Benfica perdeu — também está bem. A verdade é a justiça acima de tudo.

### De vitorioso a empatado — num instante...

Sucedeu ao Sporting aquilo que muitas vezes acontece na bola, quando os grupos se esquecem de que se joga até o derradeiro segundo dos longos noventa minutos e que basta uma fracção mínima de tempo para modificar a fase de um jogo. Com 1-0 ao intervalo e 2-0 no começo da 2.<sup>a</sup> parte — o Sporting deixou de insistir no ataque, como vinha fazendo até aí, com uma mecânica rascável e o nítido desejo de levar tudo de vencida.

De sorte que sucedeu o inevitável. Próximo da meia hora, veio o primeiro goal do Estoril. Estava feito o mais difícil. Porque a bola do empate não tardou; ela era uma espécie de consequência da primeira. Foi, depois, necessário aos *leões*, principalmente aos da defesa, todo o chamamento de energias para conservar o empate. No entanto, deve afirmar-se que, no decurso de todo o desafio, os avançados sportinguistas tiveram as oportunidades suficientes para conseguirem um resultado que os pusesse a coberto de todas as surpresas. Mesmo no fim, e após o empate, ainda Peyroteo teve nos pés a vitória, mas uma jogada no estilo do futebol americano tirou-lhe a possibilidade de fazer triunfar o seu clube.

## Categorias inferiores

### As reservas...

O campeonato está a ganhar interesse jornada a jornada. O Benfica parece, na verdade, ser a equipa melhor aparelhada. A exibição de domingo, frente ao Belenenses, assim o demonstrou, tanto quanto é possível. Os encarnados encontraram-se, agora, à cabeça da classificação, apenas de parceria com o Sporting, seu adversário de domingo próximo, num jogo que se apresenta, além de difícil, com carácter decisivo.

Mesmo no campo de Amoreira, os *leões* não tiveram dificuldades de maior com os donos da casa. Os estorilenses, que seguem na cauda da classificação, não conseguiram estorvar a equipa *leonina*, que segue confiante, com os olhos postos na tabela dos números...

Cuf e Atlético forçaram a mais equilibrada partida da tarde, o único empate verificado, no seguinte conjunto de resultados:

Benfica-Belenenses.....	5-3
Cuf-Atlético.....	2-2
Estoril-Sporting.....	1-3

A classificação actual é a seguinte: 1.<sup>o</sup> Benfica e Sporting, 10 pontos; 3.<sup>o</sup> Belenenses e Cuf, 8 pontos; 4.<sup>o</sup> Atlético, 7 pontos; 6.<sup>o</sup> Estoril, 5 pontos.

### ...e as segundas

Os resultados verificados em segundas categorias terminam o quadro seguinte:

Benfica-Belenenses.....	4-1
Cuf-Atlético.....	1-1
Estoril-Sporting.....	5-5

Jornada em que prevaleceu o equilíbrio, com dois empates, um *déus* — Estoril-Sporting — com a nota curiosa de dez bolas marcadas.

Cufistas e alcantarenses igualmente se equivaleram, apesar de seguirem um tanto separados na tabela de classificação, sendo o resultado bastante lisongeiro para os rapazes do Atlético.

O Benfica venceu com facilidade a equipa azul. Domínio absoluto, a justificar plenamente a posição actual dos encarnados — o primeiro posto da classificação, que, com os jogos de domingo, ficou como segue: 1.<sup>o</sup> Benfica, 10 pontos; 2.<sup>o</sup> Cuf, 9 pontos; 3.<sup>o</sup> Sporting, 8 pontos; 4.<sup>o</sup> Belenenses, Estoril e Atlético, 7 pontos.

Fernando Peyroteo foi a grande figura do encontro — neste momento de apogeu de forma em que se encontra. Deve destacar-se a coragem e certo sentido de organização que os homens do Estoril demonstraram — o suficiente para se dizer que no campo da Amoreira todos os que lá se deslocaram passaram vida atribulada. Assim nos parece, pelo menos.

Nem sempre vence,  
"o melhor team"!

O desafio do Lumiar A comportou aspectos e fases de agrado. Talvez que a Cuf tenha definitivamente descoberto o seu team. Pelo menos, o melhor arranjo deste. A passagem de Carlos Pereira para médio-esquerdo é, evidentemente, tódá uma enunciação de novas perspectivas. Significa, antes de mais nada, que o clube não olha para trás na sua tarefa de revigoramento do grupo, insuflando-lhe energias novas. Tem, como consequência, a consolidação do jogo defensivo a que o antigo internacional se pode dar com mais repouso. Para o seu lugar entrou José Alves, o irmão do grande Albino, jogador nato e criado, por assim dizer, nas fileiras da Cuf, de boa estampa física e linha de jogador, que, como é evidente, conseguiu dar ao conjunto a instilação da sua frescura. Ainda porque todos estavam cheios de vontade, demonstrando em campo estarem integrados no belo espírito de desportista que é o seu treinador, importa frisar que a Cuf realizou um belo trabalho, possivelmente o seu melhor do presente campeonato, movimentando-se com audácia, pensando no ataque e denotando sempre poder de defesa, mesmo na altura, um breve período, em que o Atlético conseguiu dar réplica com vantagem.

Este Atlético tem de cuidar muito de si. Vivendo principalmente da sua linha média, é evidente que, estando essa linha a fornecer menor rendimento, o conjunto ressentir-se. No domingo passado, no aspecto defensivo, o Atlético cumpriu. Mas no ataque deu sensação accentuada de inferioridade, salvando-se apenas o seu extremo Micael que, por sinal, fez excelente figura.

Não há dúvida. O Atlético empatou — com sorte. O seu adversário, além de jogar melhor, teve um goal invalidado, sem razão. Que isso fique como compensação de outras vezes em que a sorte não o tem acompanhado. O futebol é precisamente isto. Um jogo.

## NA PROVÍNCIA

ALGARVE — No dia 5 jogou-se o desafio atrasado Olanhense-Portimonense, triunfando os campeões por 7-0. E desde logo os de Olanh passaram para comandantes do torneio.

Domingo, registaram-se os resultados seguintes: Olanhense-Loletano, 5-2; Lusitano-Glória, 5-0; Sporting Farense-Portimonense, 2-2. O Olanhense passou a ter 12 pontos e 26-5, seguindo-se-lhe na tabela: Lusitano, 10 p., 17-8; Portimonense, 9 p., 9-10; Sp. Farense, 6 p., 6-5 (um jogo a menos); Glória, 4 p., 1-21; Loletano (também com um jogo a menos), 3 p., 13-15.

AVEIRO — Saragoense e Oliveiraense empataram por 1-1. Sporting de Espanha venceu Ovarense por 3-1.

BEJA — O Luso defrontou o Despertar. E ganhou-lhe por 11-1. Com o União, de Montemor, os benfiquenses colocaram-se, em igualdade, na dianteira da classificação da prova distrital.

BRAGA — Duas jornadas no transcurso de uma semana, a aproveitar o feriado de 5.

Resultados da primeira: Vianense-Fafe, 2-0; Famalicão-Sp. Fafe, 2-1; Vitória Guimarães-Vizela, 7-0. E da segunda: Gil Vicente-Fafe, 4-3; Sp. Braga-Vianense, 5-0; Sp. Fafe-Vizela, 4-1; Famalicão-Vitória Guimarães, 3-2. Sensacionalíssimo — e inesperado — o triunfo que os famalicenses, batidos na primeira volta por 1-0, conquistaram contra os campeões de província.

Mas o desafio, ao que parece, não decorreu lá muito amigavelmente... E vamos às classificações, salmas de amantes de estatísticas. E-las, 1.<sup>o</sup> série — Sporting de Braga, 8 pontos e 17-1; Gil Vicente, 6 p., 15-13; Vianense, 4 p., 12-13; Fafe, 0 p., 7-22; 2.<sup>o</sup> série: Vitória de Guimarães e Famalicão, 8 pontos, 33-4 e 12-12; Sporting de Fafe, 4 p., 17-17; Vizela, 0 p., 2-56.

CASTELO BRANCO — Zona norte, Sporting da Covilhã-Covilhãenses, 2-1. No Zona sul, Indústria Ceboense-Albacastrenses, 5-1; S. L. Castelo Branco-Sp. Castelo Branco, 9-1. Resultados... de estrondos! Na zona norte — como sempre — os *leões* da Covilhã são favoritos cem por cento; e na zona sul a primazia pertence aos encarnados de Castelo Branco.

COIMBRA — Tinha de ser... A Académica, habitualmente, põe-se à frente da classificação — e vai assim até final. Mas, agora, o União deu-lhe réplica, em três jornadas, conseguindo, até, empatar com os estudantes. Veio, contudo, a ocasião — esperava-se por ela a todo o momento — em que os unionistas cederam. Tinha de ser... O União foi à Figueira da Foz e empatou com a Naval (2-2), deixando desde logo campo livre aos académicos. Em Coimbra, ca. p. de Santa Cruz, a Académica batou facilmente o Lusitano (5-0) e o Sport registou o seu primeiro triunfo: 4-2 ao Anadia. A classificação ficou sendo a seguinte: Académica, 11 pontos, 19-5; União, 10 p., 15-4; Naval, 9 p., 7-7; Lusitania, 7 p., 4-7; Anadia e Sport, 6 p., 3-10 e 3-9.

ÉVORA — O Lusitano ganhou ao Estremoz (2-1) e o União de Montemor empatou (3-3) com o Juventude. Resultados absolutamente normais; mas o empate de Montemor e os juvenis beneficiou grandemente os lusitanos, que ainda têm esperanças, justificadas, de ganhar o título.

LEIRIA — Na zona norte, o Atlético Marinheense marcha na vanguarda da classificação, mas tem o Alcobaca um bom perseguidor. E na zona sul o Juventude é *leader*. Últimos resultados: Hombarralense-Juventude, 2-3; Peniche-Galvão, 3-3; Nazarenos-Marrães, 2-2; Império Marinheense-Alcobaca, 0-2.

SANTARÉM — Esta região subdivide-se por três zonas: norte, centro e sul. Na primeira e segunda disputou-se apenas um jogo, com os resultados seguintes: Alcanense-Sporting de Tomar, 1-1; Académica-S. L. Cartaxo, 5-1. Na última, Ovarrio-Aguaios, 4-0; Alvarca-Alhandra, 2-2. São *leaders*: União e Sporting de Tomar (zona norte); Leões e Académica de Santarém (centro); e Operário Vilafranquense (sul).

SETUBAL — A penúltima jornada da primeira volta teve uma surpresa. Ninguém diria que o Onze Unidos, do Montijo, cujo comportamento nesta prova tem sido excelente, fosse à Amora sofrer uma derrota (5-3), tanto mais que ao intervalo estava na situação de vencedor e no segundo tempo favoreceu-o o vento, que soprava rijo. Confiou em demasia. Contudo, a infelicidade exibição do seu guarda rédes contribuiu muito para o resultado que os amouroses fizeram.

Em Arrentela, o Barreirense chegou a 5-0, actuando com estrutura de jogo apreciável, em que sobressaia o bom trabalho de Gervásio, a médio centro. Descansaram, então, consentindo três goals e obtendo mais um. O Cuf, fora de sua casa, ganhou por 2-1, mas aos seisalenses pertence a melhor factura de jogo. Sairam derrotados por manifesta infelicidade no remate.

Vitória e Luso não jogaram, devido à visita do Benfica a Setúbal.

Na jornada seguinte — a última da primeira volta — tódas as atenções se concentraram no Montijo, onde o Vitória efectuou um dos jogos considerados difíceis, com o Onze Unidos. O campeão ultrapassou o obstáculo, mas não com facilidade. Cautelosamente e empregando todos os seus recursos, não foi além de 2-0, mas desfrutou de vantagens na condução do jogo e na sua finalização. Barreirense e Cuf derrotaram Amora e Arrentela, respectivamente por 3-0 e 6-0, revelando melhor sentido de ataque e mais eficiência no remate. As formações dos vencedores, reforçadas nalguns pontos fracos, têm dado ultimamente rendimento satisfatório.

O Luso, entretanto, parece destinado a *slantera vermelha*. Recebeu a visita do Seixal, que o dominou como quiz, aproveitando a sua desorganização para obter marca expressiva (5-1).

Classificação actual: Barreirense, 19 pontos; Vitória, 15 (falta um jogo); Onze Unidos, 15; Cuf, 14; Seixal, Arrentela e Amora, 11; Luso, 0 (falta um jogo).

VISEU — Em Tondela, os Tondelenses empataram (3-3) com os tondeleiros, resultado admirável para os de Travanca da Bodiosa.

## Homem moderno



faz diariamente a barba com creme OATINE de barbear, o produto preferido não só no Império britânico como em todo o Mundo Civilizado

**OATINE**  
Loção para depois de barbear  
Produtos de beleza  
Perfumarias de fama Mundial



**Oatine**  
CRÈME DE BARBEAR

MADEIRA DO COQUELO, S. L.



NO CAMPEONATO REGIONAL PORTUENSE



1



2



4

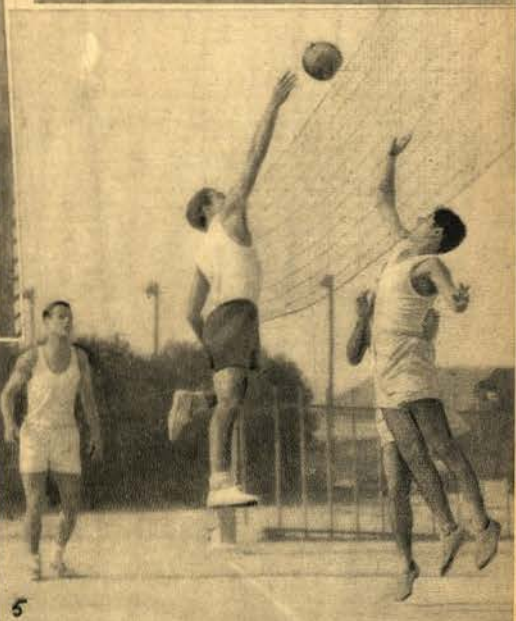
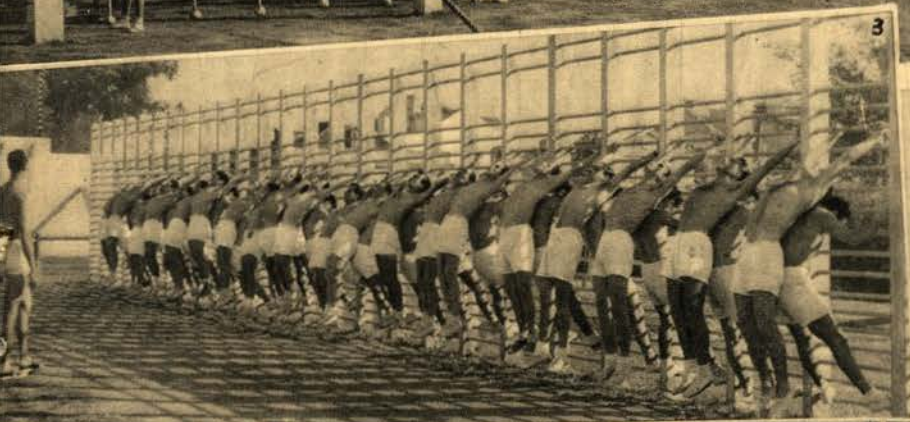
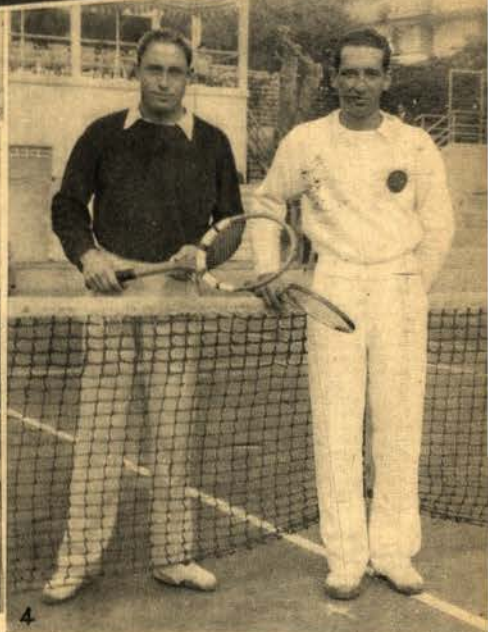
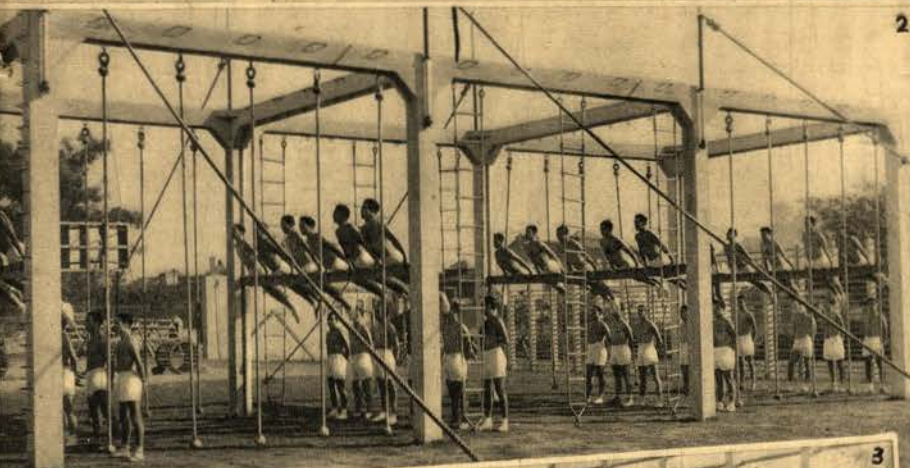


5

NO F. C. PORTO — LEIXÕES:  
 1 — Como o guarda-redes desviou para "canto" um remate de C. Dias; 2 — O 1.º "goal" do F. C. Porto, marcado de "livre" por Octaviano; 3 — A defesa de uma bola alta junto das redes do Leixões. BOAVISTA — SALGUEIROS; 4 — Paulista remata em perigo — mas o poste defende... 5 — A defesa do Boavista em acção.



# A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



**A EDUCAÇÃO FISICA NO EXERCITO:** Nas provas finais dos cursos de monitores e ginástica, o Sr. major-general de Exército assistiu aos exercicios efectuados na Escola do Exército. 1 - A tribuna de honra; 2 e 3 - Aspectos daquelles exercicios. **TENNIS NO ESTORIL:** 4 - Romanoni e Oloszas, vencedor e 2.º classificado, respectivamente, nos campeonatos Internacionais. **VOLLEY-BALL:** Começou o torneio popular, do qual publicamos uma fase, no José A. Dafundo-Boa Hora (5). **HOME-NAGEM A UM ARBITRO:** Um grupo de companheiros e amigos ofereceu a Carlos Fontalhas um jantar de homenagem, no qual assistiam figuras de relevo no futebol e jornalistas de nome. A gravura mostra um aspecto do ágape (?), durante o qual foi entregue a Carlos Fontalhas a medalha de bons serviços da Federação e o diploma de sócio de mérito da Associação de Futebol. **CLUBES EM FESTA:** 6 - Aspecto da cerimonia da inauguração da nova sede do Carvalho Araújo S. C.



**A MARCA QUE EU VOU USAR EM CHAPÉUS E BONÉS**





## Comentários gerais sobre o brilhantismo da época

O atletismo português entrou, sem dúvida, num período de franco ressurgimento. E isto foi possível graças a um magnífico conjunto de circunstâncias, que nunca será demais exaltar. O nosso torneio de «estreatnes» e a conferência brilhante do nosso querido camarada dr. Salazar Carreira, foram as primeiras realizações da época; e em tão boas horas elas apareceram, e tão bem foram compreendidas, que no panorama do atletismo norteño se operou mutação radical, que permitiu o juízo agradável que é possível fazer-se hoje.

Resta que todo esse salutar ambiente tenha a indispensável continuidade nas épocas que vão seguir-se — e se tal successo, como naturalmente se espera, a avaliar pelos magníficos propósitos dos dirigentes da A. P. A., ao futuro da modalidade estão reservadas horas de inofensível triunfo e de exuberante brilhantismo. Por tudo, a época de 1944 deve ficar a marcar o início de uma fase de progresso e de desenvolvimento da modalidade. E está a conclusão geral que se tira da análise serena à actividade da temporada.

Vista essa actividade em pormenor, começaremos por apreciar a qualidade das organizações, pormenor importantíssimo na marcha dos julgamentos, manifestação desportiva. E tão importante quanto a nós — que lhe reservamos o primeiro lugar, nestes comentários.

As organizações do atletismo português, que este ano se fizeram na pista do Lima, podem considerar-se modelares — o tanto assim que raras vezes, entre nós, se deve ter feito igual. Quer-se isto dizer, por outro lado, que elas foram impecáveis? Não iremos tão longe — um ou outro pormenor precisa de ser elogiado, um ou outro «caso» precisa de melhor estudo. Mas o que houve, acima de tudo, foi disciplina e imparcialidade nos julgamentos. Disciplina quanto ao cumprimento exacto dos deveres dos juizes e praticantes; imparcialidade quanto ao julgamento das questões técnicas e regulamentares. Isto é, o público, já habituado às irregularidades de toda a ordem das épocas passadas, teve agora a agradável surpresa de verificar que os dirigentes que se encontravam na pista tinham o manifesto propósito de julgar com justiça, de castigar e premiar com justiça — e ainda o de proporcionar à marcha das refinações um ritmo capaz de manter vivo e constante interesse nos espectadores.

Resultos de tudo isto que a bancada do Lima regista-se um número de assistentes invulgar, em relação às três últimas épocas, e que o público ficasse com vontade de voltar ao atletismo... Em síntese: a obra dos dirigentes foi produtiva e feliz — e digna de ainda mais elogios por ter sido iniciada em tempo oportuno, que quasi só permitia improvisos!

Ficamos, hoje por aqui, para falarmos depois dos clubes e por fim dos atletas.

EDUARDO SOARES

## HANDBALL

### ACTUALIDADES

Depois da nomeação da C. Distrital de Árbitros, que é composta pelos antigos árbitros Mário Pinheiro, figura de grande prestigio no velho Sport Progresso; Fernando Oliveira, «diplomata» com por cento, um elemento compreendedor, cheio de qualidades morais; David Nunes Vieira, um «homem do apito» que, noutros tempos, foi dos mais respeitados pela sua honestidade e conhecimentos técnicos... a Direcção da A. H. P. cessante está a elaborar o seu relatório para a assembleia geral, que se realiza brevemente.

Pela actividade que desenvolvem algumas individualidades affectas ao handball, na consulta e escolha de nomes para as próximas listas, é de crer que a modalidade beneficie, nesta época, de notável desenvolvimento. Há muito que fazer dentro deste desporto, sendo útil que a assembleia nomeie comissões especiais para tratar desses problemas. Pela sua competência e incontestável iniciativa, é justo não esquecer o nome do vilanovense José Pinheiro Júnior, que teve passagem verdadeiramente relevante pelas cadeiras da Associação regional. Por isso a sua acção foi vivamente comentada — e se algumas vezes sentiu o «fêdo da justiça», há que reconhecer que muito do seu trabalho foi devidamente aproveitado.

— Entre os clubes que estão preparando os seus grupos para a nova época des-

# Stadium na Capital do Norte

## As organizações da «STADIUM» em pról do desporto norteño

Uma prova de «corla-matos», um torneio de atletismo para «estreatnes» e um torneio de «volleyball»

DEPOIS do magnífico êxito que alcançou a nossa primeira iniciativa em favor do atletismo norteño, sentimos-nos entusiasmados a continuar a trabalhar em favor do desporto na capital do Norte — e agora com algumas novas organizações, que devem corresponder amplamente ao panorama conquistado pelo torneio de «estreatnes».

Desta vez, porém, não é só o salutar alleitismo que nos vai merecer atenção cuidada, mas também o «volley», desporto utilíssimo na preparação atlética e com excepcionais condições espectaculares.

Sendo assim, traçamos já o plano geral da nossa acção, que consiste no seguinte: primeiro domingo de Janeiro, uma prova de «corla-matos» para atletas e clubes filiados; no decorrer do mesmo mês de Janeiro, torneio de «volleyball»; primeiro domingo de Maio, torneio de atletismo, na pista do Lima, para atletas, representando clubes filiados, que nunca tenham tomado parte em competições oficiais. Todas estas nossas organizações terão o patrocínio das respectivas associações regionais.

Iremos dando mais informações, mas esta notícia fica já como aviso aos clubes interessados.

## NOTAS DA SEMANA

### Cortezia desportiva

Já tratámos este facto e voltamos a referir-nos a ele, a demora que os grupos de casa provocam no começo dos encontros, pois são os últimos a entrar no rectângulo. Parece que, estando dentro do que é seu, nada justifica que compareçam no campo depois do seu adversário. Pois, uniformemente, assim acontece.

Tudo indica que, por merecer espírito de cortezia, os grupos locais deveriam apresentar-se ao público antes dos visitantes, afim de receber estes com as honras da casa. Mas assim não succede e o encorajamento do público não deixa de manifestar-se desagradavelmente para os que assim procedem. Não haverá forma de evitar isto?

### Crise directiva no Vilanovense

Tem sido o assunto de várias crónicas a notícia publicada sobre o afastamento do vice-presidente do Vilanovense, sr. Ferraz Carneiro.

O facto é de grande monta e presta-se a comentários, porquanto ninguém ignora — nesta cidade e em Gaia — a dedicação e os sacrificios feitos por Ferraz Carneiro pelo seu clube, que lhe fica devendo muito — nos benefícios e melhoramentos introduzidos no seu campo de jogos e edificio social.

O facto contrasta-nos. Se é certo que o Vilanovense pode ter dentro de si quem por ele possa fazer tanto como Ferraz Carneiro, certo é também que o d. n.º 1 do seu vice-presidente ainda não teve quem o empareciasse. Rodeiam o simpático clube gasteixe figuras de larga projecção nos meios desportivos em geral, homens que podem fazer muito pelo seu clube e pela sua terra. Resta saber se o afã demonstrado por Ferraz Carneiro terá continuador para a sua obra. Oxalá — e são estes os nossos fervorosos votos — que a saída do seu activo director não tenha outras consequências que não sejam as de perder-se um homem de dinâmica acção.

portiva, o Salgueiros dedica especial cuidado à selecção. Isto prova que os «vermelhos» pretendem demonstrar, mais uma vez, o seu direito à 1.ª Divisão.

— Amaden Orlando pertence ao número dos novos árbitros que começaram a personalizar-se: em frequentes deslocações à Capital tem ali dirigido alguns jogos, com inteiro agrado dos clubes.

E sempre interessante o intercâmbio e, principalmente, quando os homens escolhidos dão cumprimento exacto das suas missões.

A par de algumas deficiências, aliás corrigíveis, Amaden Orlando retine boas condições para impor-se como árbitro de primeira grandeza.

LEME

# Stadium

## A FIGURA DA SEMANA

III

Joaquim Alves Teixeira

O nome deste nosso prezado camarada da imprensa desportiva (a d'brilantemente ligado à história de uma modalidade e à vida de um clube o «basket-ball» e o Vasco da Gama. Por isso, não poderá falar-se de qualquer delas sem referir na acção exaustiva e prodigiosa de Joaquim Alves Teixeira, que se multiplica por variadas facetas: a de crítico colorado e independente, a de orientador técnico de sólidos conhecimentos e de dirigente activo, disciplinado e disciplinador.

É de justiça assinalar-se o incremento extraordinário que o «basket-ball» português sentiu com o trabalho do Sr. C. Vasco da Gama — de tal forma produtivo que levou a modalidade a viver ambiente progressivo, que está ainda por igualar. Pode dizer-se, mesmo, que o «basket-ball» português vive por aquilo que deve ao Vasco da Gama! E, por sua vez, este simpático clube vale por aquilo que o Alves Teixeira tem produzido... Concluído a nossa «fotografia», haja sempre a estima e o apreço de todos quanto apreciam o salutar desporto e é digna desta homenagem, que aparece no momento oportuno.

Precisamente na altura em que os «fábulos» «vasculos» — que Alves Teixeira sabe preparar com tanto de ambiente receberam, no Parque das Camélias, a consagração da sua magnífica proeza, que consistiu na conquista do campeonato nacional. E essa consagração, que indirectamente lhe pertence em grande parte, deve ter servido de compensação ao seu espírito de bom desportista, pelo trabalho, conselhos e árduas que causam a preparação cuidada de um team.

A Joaquim Alves Teixeira — as nossas felicitações.

## Quando temos o Estádio do F. C. do Porto?

IMPO-SE, cada vez mais, a necessidade de conseguir um campo de jogos para o F. C. do Porto, pois o da Constituição está a tornar-se incapaz de servir, em condições, os interesses do clube e seus associados, do público em geral — e até de proporcionar ambiente próprio a qualquer pugna desportiva.

O assunto tem sido já várias vezes abordado, mas nada se conseguiu ainda. Agora, porém, está tornando-se imperiosa a sua solução, já porque o número de associados aumentou consideravelmente — e a tal ponto que a bancada da Constituição nem para eles chega... — já porque as agremiações desportivas estão sujeitas a conclusões determinações, que obrigam a introdução de melhoramentos nos campos de jogos — e ao F. C. do Porto não interessa cumprilas no terreno que actualmente possui.

Acresce ainda a circunstância de se tratar de uma colectividade de enormes responsabilidades, com prestigio e com história brilhante, no seio da qual estão algumas centenas de praticantes a quem se torna indispensável um local capaz para a sua preparação. Temos o caso do atletismo, por exemplo, onde tudo se faz sem a existência de uma pista!

Por todos os motivos, portanto, parece-nos que a iniciativa de introduzir definitivamente e sem delongas, para o Estádio do F. C. do Porto, deve ter o seu começo imediato. E para isso basta saber orientar uma insistentemente campanha, para a qual os muitos amigos do clube não se dão o seu auxilio, respondendo prontamente à chamada...

Joaquim, Juca e Ferraz. O primeiro resultou de uma grande penalidade, bem apontada por si.

No segundo tempo houve mudança e o Académico dominou, por sua vez. Voltou a luta, sem se importar com o resultado; e melhorou pouco a pouco. Rita, avançou; ren'tro, marcou o primeiro do série. Silva, extremo direito, fez o segundo. O ponto do empate foi um tanto confuso, não havendo a quem o rematasse. Porém, por em, ter sido Rita o autor, já no fim da partida. Continua a jogar o ataque, max sem resultado.

A classificação actual é a seguinte: 1.º Porto, 11 pontos; 2.º Salgueiros, 8; 3.º Leça, 8; 4.º Académico e Boavista, 7; 6.º Leixões, 6.

## COMENTÁRIOS

### AOS JOGOS DE FUTEBOL DO ÚLTIMO DOMINGO

A nova jornada do campeonato do Porto teve o mérito principal de contribuir para que se desfilassem posições, quanto aos clubes à frente da classificação.

O Porto isolou-se no primeiro lugar, batendo o Leixões, no campo da Constituição, por 7-2, o que não dá margem nenhuma para dúvidas... Continua a ser o melhor — no futebol. E o Salgueiros pôde abrir caminho para o segundo lugar. Procurou-o com entusiasmo e com energia, batendo o Boavista, por 2-0, não obstante o Boavista ser o grupo que mais se distinguia no primeiro do torneio distrital. Chegou a posição de reles, pelo que fez e pelo que se podia esperar dos seus recuos. Deceu, de certo modo, contra a expectativa, para quem. Entre o Leça e o Académico houve um empate, de 2-2, que é o terceiro do Académico, nesta campanha.

E largo ainda o caminho a percorrer — e a segunda volta pode trazer surpresas. Mas vai-se afirmando o valor relativo de cada clube na sua expressão actual. A luta é aberta, por não haver desnível evidente entre quasi todos os grupos concorrentes. O Porto tem o lugar a-bairto, como de costume. O Salgueiros, voluntarioso, tenta entrar no campeonato nacional da 1.ª Div. Os outros defendem-se do ultimo lug. — Não é somente por descerem até à cauda, na classificação. E pelo perigo de desterem mais alguma coisa.

O Porto-Leixões não tem história. Os campos fizeram 4-1, na primeira parte. Depois do intervalo, exercendo novamente largo domínio, e, agora a 7-2. A linha avançada vai dando boa conta de si. A linha de defesa, contudo, nem sempre se mantém. Na defesa é que o Porto ostila um pouco.

Araviz, interior direito, marcou 3 pontos, Pinga, 2 — Octaviano e Franco, um cada. Barroso, avançado centro do Leixões, fez os dois pontos do seu clube. O encontro Salgueiros — Boavista — o melhor, como expectativa. Ambos os clubes aspiram ao segundo lugar — e ambos tiveram que jogar com substituições, no caso da linha avançada. O Boavista sentem mais essa falta.

Houve equilíbrio entre os dois clubes, no que respecta a domínio territorial. O Boavista, quando dominou, não conseguiu marcar nenhum ponto. E o Salgueiros, sempre animado, marcou dois. Soube dar expressão numérica ao seu poder ofensivo. Teme essa vantagem. Jogo movimentado, mas fraco, em técnica. Vieira do Costa, que reapareceu, arbitrou muito bem.

O Académico, no campo de Leça da Palmeira, não pôde ir além de um empate. Co.be ao Leça dirigir a partida em quasi toda a primeira parte. Com entusiasmo e com energia, os leixões tinham 3-0, distribuídos por três jogadores —



# Desporto Corporativo

(Continuação da pág. 7)

vares Fernandes, rapaz com qualidades cultiváveis, foi nas eliminatórias o melhor cotado, com 42 s. (averbado no regional com 41,1 s.).

A corrida do quilómetro foi a mais animada do programa, pelo nivelamento de forças até à última volta; Araújo destacou-se, em 2 m. 56,6 s. e voltou a certificar o seu bom estilo e possibilidades na distância. O melhor homem da província foi Domingos Gonçalves (Coimbra), com 3 m. 7,4 s., que lhe valeram o quinto lugar na meta.

Nos 3000 metros registou-se nova vitória de Araújo (9 m. 52,9 s.), mas os postos de honra pertenceram a dois homens de Coimbra, Gonçalves (10 m. 4,6 s.) e Machado (10 m. 14s.), que deixaram excelente impressão.

No capítulo dos saltos repetiram-se as vitórias dos campeões de Lisboa: em altura, José Simões confirmou a sua real classe, transpondo à primeira tentativa 1,65 m.; em comprimento, Francisco Lopes alcançou 5,84 m. Nesta especialidade agradou bastante Sidónio Monteiro (Braga), 5.º classificado, com 5,59 m., mas capaz de muito melhor logo que emende a forma defeituosa de rematar o salto na queda.

Finalmente, em lançamentos também repetiram os seus triunfos os vencedores de Lisboa: Romeu atingiu 13,67 m. com o peso; Franco, 32,25 m. com o disco; e José da Silva, 35,52 m. com o dardo.

Os únicos provincianos a competir com os melhores foram Gomes (Porto), que atirou o peso a 12,12 m. e o disco a 31,93 m., mas não mostrou progressos em relação ao ano passado; e José das Neves (Coimbra), geitoso lançador do dardo, que se classificou em 4.º lugar, com 32,10 m.

Merece parabéns a F. N. A. T. pelo êxito da sua iniciativa.

Porque foram os representantes de Lisboa aqueles que mais se distinguiram, vamos anunciar-lhes uma nova, que é um prémio em vista e um incentivo ao seu trabalho: o campeonato nacional de 1945 disputar-se-ão em Coimbra. Esforcem-se, os que possam, para ganhar a classificação.

## Barreira de Sol

(Continuação da página 6)

tarlos, mas longe de lograr o êxito que devia corresponder à sua categoria de toureiro valente e intratado.

O jovem Pepin Martin Vasquez, mais feliz desta vez que na noite de seu «debut» em Lisboa, revelou-nos a quantidade e essência de toureiro que encerram as suas riszonhas dezoito primaveras. As suas intervenções com o capote foram breves mas luzidas. No quarto touro, depois de cambiar com muita vista dois bons pares de bandarilhas, logrou intercalar numa *faena* admirável, embora desligada, algumas séries de passes em redondo perfeitos, correndo a mão com suavidade e obrigando o inimigo a tomar bem o engano. Do último da tarde, o mais difícil, não conseguiu tirar partido.

O cavaleiro D. Vasco Jardim lidou com alguma precipitação dois touros do sr. J. Infante da Câmara. — J. E.

de Alcabideche, Alcabideche, Linhão, Ramalhão e Sintra, com chegada na recta a caminho da estação. 2.ª etapa: Sintra, Lourel, Algueirão, Belas, Caneças, Carriche e Campo 28 de Maio. Dia 29 3.ª etapa: Campo 28 de Maio, Malveira e Torres Vedras, com chegada na recta da estação. 4.ª etapa: Torres Vedras, Runa, Póvoa da Galega, Venda, Pinheiro de Loures, Loures e Campo 28 de Maio. Distância total aproximada, a rectificar, 190 Km.

§ 1.º — A partida para as 1.ª e 3.ª etapas é dada às 9 horas; para a 2.ª e 4.ª, às 16 horas.

§ 2.º — Tempo máximo para cada etapa, 20% de tolerância sobre o tempo do vencedor.

§ 3.º — Os corredores que numa etapa não se classificarem dentro do tempo regulamentar serão excluídos da prova, não podendo por isso tomar parte na etapa ou etapas seguintes.

Art.º 3.º — A classificação nas etapas será feita pela ordem de chegada para atribuição dos prémios individuais, e pela soma de tempos para a classificação geral individual e por equipas.

§ 1.º — Se houver taças por equipas nas etapas, a classificação será feita pela soma de tempos, servindo a ordem de chegada para desempatar, no caso de igualdade.

## CICLISMO

### A PROVA

## LISBOA-SANTARÉM-LISBOA

para corredores independentes disputa-se no próximo dia 22

**A** época de ciclismo que está prestes a findar será ainda enriquecida com mais duas importantes e originais provas, que devem constituir outras tantas interessantes manifestações do belo desporto do pedal.

Trata-se da «Prova de Iniciação Flecha», iniciativa da nossa revista e à qual fazemos desenvolvida referência noutro lugar, e da grande corrida Lisboa - Santarém - Lisboa, organizada pelo Desportivo de «A Iluminantes».

Esta prova, disputada no percurso que lhe dá o nome, efectua-se no próximo dia 22, em duas tiradas — como é óbvio a primeira com chegada à capital do Ribatejo e a segunda com a meta localizada em Lisboa.

Para tão interessante competição foram instituídos valiosos prémios, devendo portanto reunir os melhores elementos do ciclismo lisboeta e portuense.

Publicamos a seguir o respectivo regulamento, o qual já foi submetido à sanção oficial da Associação de Ciclismo do Sul.

### O regulamento

Art.º 1.º — O Grupo Desportivo de «A Iluminantes» promove no dia 22 de Outubro a prova denominada «Lisboa - Santarém - Lisboa», a disputar em 2 etapas, com classificações distintas e reservada a estradistas independentes.

Art.º 2.º — O percurso desta prova é o seguinte: 1.ª etapa: Lisboa (largar do Intendente), Arrieto (partida oficial), Aeroporto, Sacavem, Vila Franca de Xira, Azambuja e Santarém (largar de Sá da Bandeira) 2.ª etapa: Santarém, Azambuja, Sacavem e Campo 28 de Maio (junto da esquadra), Total, 170 Km.

§ 1.º — A partida para a 1.ª etapa é dada às 9 horas, e para a 2.ª às 15 horas.

§ 2.º — Tempo da prova: 20% de tolerância sobre o tempo do vencedor.

Art.º 3.º — Serão instituídos para esta prova os seguintes prémios:

- a) — Taças para os clubes a que pertencem as equipas classificadas nos 3 primeiros lugares.
- b) — 50000, 30000, 20000, 10000, 10000, 8000 e 8000 para os corredores classificados do primeiro ao oitavo lugares.
- c) — 10000, 8000 e 5000 para os três primeiros classificados de cada etapa.

Art.º 4.º — Contam para a classificação das equipas os dois primeiros corredores de cada uma, podendo os clubes classificar tantas equipas quantos forem os grupos de dois corredores chegados.

§ 1.º — Em caso de empate, no final da prova, será desfeito pela fórmula adoptada pela Federação Portuguesa de Ciclismo.

Art.º 5.º — Serão permitidos carros de apoio, segundo os regulamentos da mesma Federação, mas exclusivamente para apoio mecânico.

Art.º 6.º — O júri será nomeado pela Associação de Ciclismo do Sul e dele fará parte um representante dos organizadores, que exercerá o direito de voto nas deliberações a tomar.

# MATOS FERNANDES

## BATEU O «RECORD» do DECATLO

**S**ABADO e domingo passados, na pista do Sporting, disputaram-se as provas do Decatlo regional, das quais participou, a pedido da Associação Portuense, o atleta Edgard Tamegão, do Académico, que se encontra em Lisboa e concorreu, assim, ao título da sua região, em virtude de não haver no Norte outros candidatos.

Os resultados ressentiram-se, de maneira geral, do adiantado da época e da temperatura pouco favorável, mas o vencedor da prova conseguiu, apesar de ter registado marcas inferiores nas suas melhores especialidades, valorizar de 37 pontos o seu próprio máximo nacional, elevando-o para 5395 pontos.

Os restantes participantes de Lisboa classificaram-se pela seguinte ordem: Álvaro Dias (Sporting) 4809 p.; Luis Alcide e António Santos (Benfica), 4526 e 3804 pontos. O portuense Tamegão também alcançou pontuação interessante, batendo largamente o «record» do Norte, com 4875 pontos.

Deixamos para a próxima semana o comentário técnico deste certame, traçado pelo nosso colaborador dr. Salazar Carreira.

### Os torneios para iniciados

O Sporting repeliu este ano a sua iniciativa do final da época passada, promovendo semanalmente torneios reservados a sócios e simpatizantes que nunca tenham praticado oficialmente a modalidade; os excelentes resultados colhidos em 1943 pelos sportinguistas levaram agora outros clubes a imitar-lhes o exemplo — e, assim, Benfica, Atenas e Futebol Clube do Porto emprenderam já o recrutamento de novos praticantes.

Os resultados têm sido muito apreciáveis e notam-se valores que são seguras promessas para os estreantes de 1945.

Guardamos, por igual, para a semana próxima, a revista destes interessantes concursos.

Ano II — Lisboa, 11 de Outubro de 1944 — II Série — N.º 97

**STADIUM**

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUIHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º

TELEFONE 5 1146 — LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## Iniciativas da «Stadium»

(Continuação da pag. 2)

§ 2.º — No caso de empate na classificação individual, será este desfeito pela ordem de chegada em todas as etapas (1 ponto ao 1.º, 2 ao 2.º, etc.). Se o empate persistir serão os concorrentes classificados pela ordem de chegada na última etapa.

Art.º 4.º — São instituídos os seguintes prémios:

- a) — Salvas para os clubes a que pertencem os quatro primeiros classificados no final da prova — oferta da revista Stadium.
- b) — 1 Biciçeta «Flecha», no valor de 2.20000, para o vencedor absoluto da corrida.
- c) — 1 Quadro «Flecha» para o 2.º classificado.
- d) — 1 par de rodas «Flecha» para o 3.º classificado.
- e) — Acessórios de bicicleta, no valor de 20000, 15000 e 10000 escudos, respectivamente para os corredores classificados do 4.º ao 6.º lugares.
- f) — Medalha para os concorrentes classificados do 7.º ao 15.º lugares.

g) — Medalhas aos três primeiros chegados em cada etapa.

Art.º 5.º — A inscrição dos corredores é grátis, podendo fazer-se na redacção da Stadium, ou na sede da Associação de Ciclismo do Sul, até ao dia 23 do corrente.

§ 1.º — Os organizadores pagam as despesas de deslocação e estadia em Lisboa, podendo fazer-se na redacção da Stadium, ou na sede da Associação de Ciclismo do Sul, até ao dia 23 do corrente.

§ 2.º — Não é da responsabilidade dos organizadores quaisquer danos, prejuízos e despesas ocasionadas pelos concorrentes.

Art.º 6.º — São admitidos carros de apoio — um por clube ou corredor em representação de concelho ou distrito — para exclusivo apoio mecânico.

§ 1.º — Os carros têm de ser inscritos até o dia 25 e estão sujeitos a sorteio, não podendo seguir na prova sem um comissário da Associação de Ciclismo do Sul.

§ 2.º — É proibida a passagem de ali-

mentos ou bebidas dos carros de apoio para os concorrentes.

Art.º 7.º — No caso de se verificar a presença na prova de corredores que não satisficam inteiramente as condições indicadas no art.º 1.º, por não ter sido possível averiguar a tempo o atropelo das respectivas cláusulas, perderão o direito aos prémios eventualmente adquiridos.

Art.º 8.º — A Associação de Ciclismo do Sul nomeará o júri da prova, ao qual será agregado um director técnico, indicado pelos organizadores.

§ único — O júri será composto de quatro membros e as suas resoluções tomadas por maioria de votos. O director técnico da prova tem voto de qualidade, em caso de empate.

Art.º 9.º — Todos os casos omissos serão resolvidos de acordo com o que está tuado no Regulamento de Corridas da Federação Portuguesa de Ciclismo.

Os corredores que não possuam ainda licença da Federação, devem dirigir-se a esta entidade pedindo os impressos necessários para aquelas licenças e para o certificado médico.



SETUBAL em festa para homenagear  
o popular **BENFICA**



1 - Fase do encontro de futebol efectuado no campo dos Arcos; 2 - Os grupos de «hockey» do Vitória, que não se exibia há anos, e do Benfica; 3 - Os «teams» que disputaram o desafio de futebol; 5 - Impressionante aspecto da multidão que aclamou os benfiquenses no momento em que chegaram à sede do Vitória F. C.; 5 - A homenagem prestada aos mortos da Grande Guerra; 6 - Fase do encontro de «hockey» em campo, no qual os setubalenses mostraram ainda quanto valeram na modalidade; 7 - Ribeiro dos Reis, figura prestigiosa do Benfica e jornalista distinto, vai proceder à entrega de um ramo de flores



**AS NOSSAS REPORTAGENS E TRICROMIAS**

Como anunciamos, publicamos hoje a reportagem referente ao

**FUTEBOL CLUBE DE FAMILIÇÃO**

bem como a tricromia da respectiva equipa de honra

No próximo número:  
**LUSO SPORTING CLUBE, de Beja**



À esquerda: o habitual cupão que os leitores devem recortar e colecionar, pois dá direito à capa que oferecemos para encadernar todas as separatas destas reportagens